

*Alcides Cruz*

(Lente substituto na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre)

Epitome da Guerra entre o Brasil e as  
Provincias Unidas do Rio da Prata

...um fraco Rei faz fraca a forte gente.

CAMÕES, *Os Lusíadas*, c. III, 138.

VOLUME I

PORTO ALEGRE

Officinas tipograficas da «Livreria do Commercio»

**1907**

## Do mesmo autor

VIDA DE RAFAEL PINTO BANDEIRA, 1 vol. (*Livraria Americana*—Pintos & C.<sup>a</sup>—Porto Alegre, 1906)

## À sair

PRINCIPIOS GERAES DE DIREITO CONSTITUCIONAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE, por Thomas Cooley, versão autorizada pelo Dr. Charles M. Cooley, 1 gr. vol. (*Livraria Universal* — Echenique Irmãos & C.<sup>a</sup> — Porto Alegre.)

Aos meritissimos representantes da geração nova que ha de remodelar o Exército Brasileiro:

Tenente-coronel Antonio José Dias de Oliveira; tenente-coronel Augusto Gimeno Villeroy; major Augusto Fasso Fragoso; major Joaquim Marques da Cunha; capitão Jonas da Costa Rego Monteiro; capitão João Borges Fortes; capitão João Nepucio de Alencar e Silva.

Good friends, sweet friends...  
SHAKESPEARE, *Julius Cæsar*, Act. III. sc. II.

A remota guerra conhecida por *Campanha da Cisplatina*, não tem merecido dos historiadores brasileiros a atenção alcançada por outros acontecimentos nacionaes de muito menor valia. Apenas algumas memorias sobre o Ituzaingo, e ligeiras referencias incidentemente lançadas a proposito de outras passagens daquella imprudente luta, em obras de differentes generos, eis tudo quanto o Brasil tem produzido até hoje sobre a guerra de 1825 a 1828; quando já decorreram oitenta annos que uma risca de sangue assinalou em má hora as divisas entre as nacionalidades sul-americanas — Argentina e Uruguai, de um lado, e Brasil de outro, então muito jovens.

O amor ao estudo das cousas patrias, sobretudo antigas, suggeriu-me a temeraria empreza de historiar-lá, ainda que succintamente, sem que me lembrasse quão duvidosa era a minha idoneidade para a levar ao cabo.

Tantas foram as difficuldades surgidas durante o dilatado lustro consumido neste estudo, que por mais de uma vez arrefeci e desisti do intento, completamente oberado, aborrido e imbelle. Não devendo confiar cégamente nas ordens do dia, nas partes officiaes e em outros papeis dessa natureza, ordinariamente escritos sem a devida sinceridade, como convem ás altas patentes que erram, e cujo alvo directo muitas vezes é dar pabulo ás paixões, encoibir faltas (quando não verdadeiros crimes), amesquinhar o valor e as qualidades do inimigo e elogiar a si proprios, foi preciso uma grande prudencia e muito escrupulo para apurar a verdade contida nas

entranhas dos arquivos publicos. Sensível foi a falta das narrativas particulares, essas notas sugestivas e intimas, escritas por contemporaneos dos factos, e de que notavel partido sabem tirar historiografos da escola de um Sorel, de um Houssaye, de um Chuquet.

Sobre o valor desses indispensaveis subsidios, escrevi alhures, referindo-me a uma das poucas contribuições dessa ordem, que tive á mão:

« Sabem todos quantos estudam ou compreendem a remodelação da historia militar segundo o seu criterio moderno, que são brilhante e fecundo auxiliar della, os diarios de campanha, as notas particulares, as impressões pessoases, os esboços autenticos, em que se registram pelo lapis das testemunhas occasionaes, factos imprevistos, episodios intimos, scenas estranhas, que a documentação e a correspondência official, adstrictas a um convencionalismo de etiqueta, corariam em reproduzir, mas que sem isso se não poderia recompôr a psicologia de algumas figuras de soldados.»

Todavia pude conseguir algumas achegas desse genero, embora pouquissimas, das quaes farei menção em notas, no decorrer da obra.

Varios fragmentos, publicados esparsamente em gazetas, deram logar a que se me fizessem leves reproches á maneira por que compreendi a acção de certos personagens. São injustos antes que impertinentes. Ligações partidarias desde 1886, muito vivas e antigas, com uma vigorosa agremiação politica, unica a que tenho pertencido, e que nenhum motivo assiste a que esmoreça no ardor e na convicção com que, nos acanhados limites das minhas forças, sustento os seus principios organicos, não me privam, certamente, de escrevêr conforme penso a historia de algumas campanhas do meu país. Não tenho, aspirações nem pretensões de ordem alguma; só uma cousa reivindico: o deixarem-me pensar como quero e escrevêr o que penso. E se alguém entender que penso mal, combata o erro. Só então é que poderei repetir com o protagonista da obra

prima de Defoe: « Senhor, vós que sois Filho de David — Senhor, vós que sois Principe e Salvador — dae-me o arrependimento! »

A simplificação ortografica é liberal idéa, que dia a dia ganha terreno, e está fadada a converter-se em realidade proxima. Todavia, se as suas vantagens dispensam uma prévia justificação, outro tanto se não pôde dizer do sistema preferivel.

O modificar a grafia vernacula, expurgando-a de fórmas inuteis, não é medida que possa tomar-se radicalmente sem que se façam muitas concessões. E' uma reforma, e, como toda reforma, fere preconceitos arraigados; portanto é necessario tranzigir com alguns delles até que se modifiquem e desapareçam de todo. Até lá, respeitem-se as crenças inveteradas.

Assim é que talvez seja audaciosa innovação o elidir as consoantes geminadas, porque ninguem quer habituar-se ao *ele*, ao *aquilo*, com um só *l*. Por emquanto, acerca do emprego das consoantes dobradas que não sejam *rr* e *ss*, conservo-as inalteravelmente, excepto nas palavras que começam por *a*; escrevo, pois, segundo a lição do douto João Ribeiro — *afrontar*, *aceitar*, *aproximar*, *acompanhar*, etc. (DICCIONÁRIO GRAMMATICAL, vb. *Orthographia*).

O som de *z* será expresso com *s* quando esta letra for a da palavra originaria estrangeira, ou melhor, quando a etimologia da palavra não contenha *c* ou *t* a que corresponda *z*. Ex.: *país* (do latim, *pagese*), *casa* (do latim *casa*), português (do latim *portucalense*). E reciprocamente:

Escreverei com *z* os vocabulos derivados do latim onde haja *c*, *z* ou *t*. Ex.: *juizo*, de *judicium*; *juiz*, de *judex*, *judicis*; *raiz*, de *radix*, *radicis*; *razão*, de *ratione*; *vizinho*, de *vicinus*; etc.

O mais consiste em substituir o *ch* com o valor

de *k* por *c* e *qu*; em abolir o *ph* com o som de *f*, o *th*, o *rh* e o *y*. O *y* pôde ser dispensado até mesmo nas palavras de origem tupí, pois que nesta lingua elle, alem de aspirado, tem o som do *u* francês.

Se desacertei, é porque andam desacertados (do que me não convenço) esses grandes filólogos e mestres do romanismo contemporaneo, cujas obras leio com o respeito devido a tudo quanto é superior, e com a seriedade de quem procura aprender — GONÇALVES VIANA, TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, A. A. CORTESÃO, CANDIDO DE FIGUEIREDO, D. CAROLINA MICHAËLIS (portuguêses), JULIO CORNU (alemão), JOÃO RIBEIRO (brasileiro).

*Porto Alegre, junho de 1907.*



## PRIMEIRA PARTE

### A REVOLUÇÃO DA PROVINCIA ORIENTAL DO URUGUAI

#### CAPITULO I

A patria brasileira ainda não havia legitimado o seu logar na hegemonia das nações, e atravessava crise politica de excepcional gravêza, quando o seu governo foi obrigado a empenhar-se na afrontosa jornada bellica de 1825 a 1828.

Vacillante, e ameaçada em seus fins, a obra da Independencia não era, então, facto consummado. Pairava uma premente saturação de mal estar geral; bem vivo era o terror sentido de norte a sul com a odiosa dissolução da Constituinte, operada sob violento tropel. No norte do país uma rebellião fora comprimida mediante inexoravel barbarice. Em vão os proconsules tinham implorado a clemencia do Cesar, e se elle a fez baixar, foi-o tardiamente, depois do sanguinoso sacrificio de Caneca, Rattcliff, Metrowich e Loureiro. No extremo sul perduravam ainda povos e campos talados por effeito das ultimas guerras em 1811, 1816 e 1820; e a Cisplatina era uma feitoria pretoriana a arfar como os subterraneos de um vulcão. As commissões militares, o mais execrado instrumento compressor, a votarem soberana e summariamente a morte, com uma frieza panica.

Por todo o país a esterilidade, a anarquia, o desassocego.

Commum era o terror, ou porque a fome asso-lasse os sertões, com furia implacavel, ou porque

insaciavel, sinistro, fosse o despotismo dinastico na sua faina sombria de não tolerar o mais simples desabafo.

E o Imperador, primeiro do nome Pedro, recém coroado, mas deslumbrado pelas funcções majestaticas, cambaleava entre a reaccionaria facção lusitana e a orgia. Instigado pela aulica camarilha de favoritos arrogantes e incultos, ou recebendo inspirações na alcova de uma dama, o Bragança iniciava uma politica vilipendiosa; movia-se dentro desse fatalissimo circulo vicioso: o seio aflante da marquês de Santos e os conselhos e imposições do gabinete aulico. O Brasil encaminhado nos seus primeiros passos, tinha a guiá-lo na misteriosa senda que se lhe abria — alguns devassos e uma marafona! (1)

Tramava-se ás claras e ás occultas contra o acto da Independencia, pretendendo-se devolver o país á coroa portuguesa, reduzindo-o novamente ao estado de colonia. Assim, o povo não confiava no Imperador, nem nos seus ministros, nem na Constituição, inutilmente outorgada um anno antes, visto que se lhe não prestava obediencia alguma.

Dizia a Carta Patente de 1825, promulgada por D. João VI. que a elle rei e a seus successores competia o titulo de Rei de Portugal e Imperador do Brasil; logo, não se ratificava decisivamente, terminantemente, a Independencia, e D. Pedro, successor daquelle rei, vivia a reinar conjunctamente em Portugal, como dantes reinara seu pae. A Convenção de Paz e Tratado entre o Brasil e Portugal, datado de 29 de agosto de 1825, difficilmente obtido mediante o vivissimo empenho de Barbacena e Itabiana perante Lord Stuart, e que se não divulgou publicamente ao tempo, não conjurava a difficuldade, nem esclarecia o umbroso pacto, pois que não fazia da completa separação do Brasil o principio inso-

(1) «Uma messalina governava o Imperio, tinha uma côrte sua e o proprio Imperador era o mais rendido dos seus escravos.» *Anotações de A. M. V. de Drummond á sua biographia*, p. 116.

fismavel, cardinal e peremptorio objecto: deixava ainda o soberano portuguez cingindo as duas coroas, e os seus descendentes nessa perspectiva. De sorte que só em 1826, quando por morte de D. João, seu filho Pedro abdicou a coroa portuguesa herdada, em favor de sua filha, depois Maria II, foi que de direito se deu a definitiva separação do Brasil. Não era desconhecer o movimento que scindira da metropole a colonia a reunião dos dous sceptros numa só mão? Não estando ainda ultimada a Independencia do Brasil, nem officialmente reconhecida pelas demais nações, elle não podia sustentar uma guerra externa, que os brasileiros não provocaram e não queriam. E Portugal, cujo velho Rei ainda se considerava Imperador de cá, abandonou o Brasil, que elle amava sinceramente, em emergencia de tamanhas provações...

A politica geral mantida pelo governo, na maioria composto de adoptivos, causava sobressaltos e immenso descontentamento no seio da população brasileira nativa, que lhe reprovava os actos de arbitrariedade, despertando a maior lamuria.

O homem capaz de dominar a situação não seria D. Pedro, que não estava na devida altura; não era de um principe violento, arrebatado, prepotente e temerario até a imprudencia, que se precisava. D. Pedro, evidentemente um impulsivo, tinha acentuados e alarmantes symptomas de degeneração. E a um medico da casa imperial, o dr. Casanova, não lhe passaram despercebidos os indicios de alienação mental revelados pelo imperador. (1) O

(1) «Casanova era um observador atilado.. Um dia no abandono da confidencia assim se exprimiu: «O Imperador é louco; se me vierem dizer que elle anda a atirar pedradas pelas ruas, não me causará isso surpresa». José Bonifacio quiz modificar esta expressão do doutor, dando por cunho do character do Imperador a volubilidade, e aos maus conselhos e á má companhia o resultado das suas acções; mas o doutor replica que seria assim, mas que o estado actual de S. Magestade resentia-se de uma alienação mental muito pronunciada.» A. M. V. de Drummond, *Anotações* cit. p. 143.

diagnostico do esculapio palaciano não deixava, aliás, de ter procedencia idonea. O conhecimento de algumas leis scientificas permite hoje em dia facil comprovação desse fenomeno, não estranhavel numa antiquissima familia aristocratica, régia, como essa a que pertencia o monarca, que mesmo já foi exposto luminosamente por um grande erudicto portugês, o sr. Teofilo Braga. (2)

A casa ducal e real de Bragança acusa em seus feitos contingencias tão extraordinarias quanto funestas, estranhas singularidades e crises que pareceriam inexplicaveis, se não fossem as leis do atavismo e da hereditariedade, chave elucidativa de tantos enigmas. Os Braganças, oriundos de uma bastardia, quasi todos resumem em si: ou a ambição, a intriga e a incitação homicida do primeiro delles, D. Affonso; ou a prodigalidade, a pompa e a soberbia de que deram prova desde os primeiros dias, fazendo antevêr os extremos a que deveriam chegar — muita miseria ou muita grandeza. Um dos varões da casa, D. Jaime, é o primeiro que já não pôde ser considerado isoladamente, como pessoa destacada do grupo da familia a que pertence. Pelo conjuncto de anormalidades que se lhe notam, é um individuo que sintetisa diversas heranças morbidas. Traz consigo os effeitos e os abalos produzidos por aquella espantosa tragedia politica: descoberta uma conspiração tramada contra o rei D. João II, pelo duque D. Fernando II, este soffreu a pena de decapitação (1483), a casa teve os bens confiscados e a familia, perseguida, perdeu todo o prestigio, até que D. Manuel a reintegrou em privilegios e fazenda. D. Jaime cedo affectado de profunda melancolia religiosa, «triste e quebrado de olhar como quem para lagrimas sómente os tivesse», (1) esse pendor místico degenerou em sombrio ascetismo, em cujo estado morbido o vemos assassinar a gracil esposa.

D. João IV é o caçador intrepido e o conspi-

(1) *As Modernas Ideias na Litteratura Portugueza*, vol 1º cap. I.

(2) Camillo, *Cavar em ruínas*, II.

rador, que um dia se arrepende de haver trocado a vida de festas e de ocios que lhe garantiam os incalculaveis haveres da sua opulentissima casa, pela Independencia e o trono do reino. Frascario, o ciume fá-lo perseguir iniquamente o insigne soldado, diplomata e escritor — D. Francisco Manuel. Tambem não se lhe dá que o cutelo do verdugo se embeba no sangue de tantas e illustres victimas: o duque de Caminha, o marquês de Villa Real, o conde de Armamar, D. Agostinho Manuel, o ministro Francisco de Lucena.... Sob o governo de seu filho, D. Affonso VI, esse devasso intimo da plebe, descarado frequentador de pimponas cõmborças, perigou a causa publica, e se o Estado não desapareceu foi porque conteve a crise a resoluta chancellaria de Castello Melhor. O irmão, D. Pedro II, bem merece o epiteto de fraticida, por ter mandado encerrar impiedosamente o irmão na masmorra, em que acabou miseravelmente. Outra vez se verifica o fanatismo religioso, a prodigalidade e a fraqueza mental, em D. João V, em D. Maria I e em D. João VI, o rei indifferente, aliado, por deploravel casamento, aos Bourbons da Espanha, um poltrão que abandona a patria ao invasor atrevido, que se admira da desairosa fugida.

O primeiro imperador do Brasil, esse rebellado contra seu pae e sua patria, é o tipo mais bem acabado da agitação, da incoerencia, da hipocrisia e do arrebatamento, depositario e herdeiro maior do fatal legado de seus avós. Na verdade, concentrando em si a ambição de tantos ascendentes: o fanatismo beatico de D. Jaime e de D. João V, de D. Teodosio e de D. Maria; a ingratição, a intemperança e a maldade de D. João IV; a temeridade de D. Constantino; a usurpação de D. Fernando e de D. Pedro II: porque abriu luta o monarcha brasileiro contra o pae e a patria portugueza com a proclamação da Independencia do Brasil, e porque, mais tarde, levou a guerra ao irmão, de quem usurpou a corõa, senão em virtude de tão graves imperfeições e desregramentos, taras que nelle culminaram? Po-

bre visionario! Morto aos trinta e seis annos, quantos erros havia commettido e quantos tormentos lhe haviam açoutado a existencia! Nunca soube ao certo em que assentar. Corou-se Imperador do Brasil independente, e consentiu, após, em ser o herdeiro do trono de Portugal; renunciou, porém, a corôa portugueza em favor de sua filha, e afinal abdicando tambem o poder majestatico brasileiro, readquiriu a corôa metropolitana á força de armas, em retumbante prelio fraticida. Emquanto propendia, como exaltado partidario, para a forma de governo representativo, dissolvia a Assembléa do Brasil apontando-lhe as baionetas, assumindo o governo absoluto; outorgou constituições democraticas para o Brasil e para Portugal, mas conculcou-as, dando plena expansão a sua indole absolutista; energico em occasião de motim, era pusilanime diante as injunções dos seus validos; exercendo funções regias na côrte do Rio de Janeiro ao mesmo tempo nivelava-se com a plebe. (1) Mandava ao patibulo, summariamente, o desgraçado incurso no mais insignificante movimento que causasse suspeita a estabilidade do trono, quando elle era, aliás, o revolucionario maior da marca, promovendo revoltas e guerras aquem e alem do Atlantico. Ora, tal soberano, promotor de toda a sorte de dissensões e de escandalos, que desterrava, prendia e ameaçava sem apellação nem agravo, não podia felicitar os seus subditos, que o não amavam; temiam-no, e tinham-lhe desconfianças, porque no meio de tantos erros, um era máximo, calava mais que todos: «nunca ter elle sabido mostrar-se verdadeiro e inteiramente brasileiro, ao menos desde a dissolução da Constituinte». (1) Esteril loucura de

(1) «Continuava a frequentar cordial e familiarmente individuos de todas as classes; comtudo a sua conversação era impropria para o fazer respeitar...». Armitage, *Historia do Brasil*, p. 135.

(1) Armitage, *Hist. do Bras.* p. 310.

reinar! Exclamaria Pampeyo Gener, o eloquente filosofo espanhol. (2)

Retrograda, inepta e arbitraria a administração publica, entregue a homens que entendiam pouco da gestão dos negocios d'Estado, o país achava-se em precaria contingencia; anarquizado em varias regiões, aterrorizado em outras, não aspirava, portanto, guerra alguma, menos ainda com as Provincias Unidas do Prata; porque resentimentos contra Buenos Aires os não havia, ao menos justificaveis. Achando-se o espirito publico alarmado, extraordinariamente prevenido contra o governo, e temendo

(2) «Um medico francês, o celebre alienista Esquirol, demonstrou que a demencia nas familias reaes está na proporção de 60 para 100, mais que no resto da população dos seus respectivos reinos; e Haeckel acrescenta que as doenças mentaes, mais frequentes entre os reis que entre os seus subditos, se transmittem hereditariamente com mais facilidade nas familias reaes que nas outras. Para demonstrar a razão dêsse phenomeno, basta observar o genero de vida que os reis levam. Na infancia, já se lhes atrofia a intelligencia por meio de uma educação estreita e formalista. Como elles não têm necessidade nem de trabalhar, nem de se instruir para viver, recebem uma somma de impressões muito menor que o resto dos homens, e, por conseguinte, adquirem um muito pequeno numero de conhecimentos fundamentaes... Elles se consideram entes sagrados e superiores aos semelhantes: não entram, pois, directamente em relações senão com certas classes de pessoas que vivem em condições quasi analogas, e ainda a etiqueta os impede de manter com ellas as relações existentes entre eguaes. As idéas que fazem das cousas são, portanto, desse genero de existencia, ou erroneas ou insufficientes; mas ninguem se aventura a lhes corrigir os erros. Demais, suas vontades não encontram obstaculo algum... O meio em que se movem é artificial e uniforme; tudo é nelle regulamentado, até nos detalhes infimos. O resultado de tal regimen é que os reis, tanto sob o ponto de vista intellectual como sob o ponto de vista moral, tornaram-se inferiores aos seus subditos. As mesmas condições mais tarde repetem-se nas descendencias, a *hereditariedade* e a *adaptação* completam a obra. Uma terceira causa vem aumentar ainda a degeneração da dinastia. Como os reis só devem casar com pessoas de igual estirpe, o cruzamento se verifica entre individuos collocados em identicas condições, e esta *selecção artificial* desenvolve nos successores, até grão extraordinariamente elevado, as inferioridades de toda a sorte.» P. Gener, *La Mort et le Diable*, p. 189.



voltar á dominação portugêsa: a guerra contra o Rio da Prata não podia ter o impulso e o fremito patrióticos. Quem a declarou, verdade é que provocado pela agressão externa, foi o Imperador. A guerra, ainda assim, era antes pessoal: O unico poder legal, com autoridade para sustentá-la, dar-lhe os meios, era o legislativo representado pelas Camaras, que só se reuniram em 3 de maio de 1826, quando a campanha ia activamente; foi então que pela vez primeira se reuniu regularmente a Assembléa Legislativa Brasileira.

Rebentou a guerra exactamente no periodo que decorre desde o atentado contra a Constituinte, que deixou atonita a nação, até ao reconhecimento da Independencia pelas potencias estrangeiras em 1826.

«O anno de 1825 ficará gravado na memoria dos Brasileiros, como sendo de funestas e dolorosas recordações». (1) Sob tão nefastos auspicios foi que o Brasil entrou na liça...

(1) A. M. Y. de Drummond, *Anotações*, p. 139.

## CAPITULO II

A antiga Banda Oriental do Uruguai, conquistada em 1816 pela divisão portuguesa commandada pelo brigadeiro Carlos Frederico Lecór, e incorporada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em 1821, sob o nome de *Provincia Cisplatina*, acompanhou a sorte do Brasil no seu decisivo passo de evolução politica e social.

No estado anarquico em que se encontrava, então, esse territorio inculto, mas conturbado por toda a sorte de facciosas alterações, pareceu a alguns de seus filhos mais illustres, que a incorporação, aliás determinada pela presença do exercito occupante, poderia ser um acto de alcance politico, e que no momento fosse o que melhor correspondesse ás aspirações de toda a população ordeira — segurança da ordem, termo ao caudilhismo sanguinario e progredimento do país. Toleraram-na.

Não é sómente de interminaveis campinas, cuja vista se perde num horizonte infindo, como relatam varios escritorês estrangeiros, nem como ordinariamente se pensa no Brasil, o aspecto fisico que offerece aquella terra. Ha immensos pascigos sem termo percebível, é certo, e ha tambem cordilheiras de aspero recorte. (1) Ondulado em todo o sentido, varias e extensas cochilhas cruzam em diferentes rumos, ha mesmo elevações escabrosas e varios serros que deixam baixos espaços jascentes entre uns e outros, e são dilatados campos recamados de superiores pastagens, onde os mattos escasseam, e mesmo tão raros são que em muitas regiões só os ha margeando os rios e os ribeiros; todavia taes ele-

(1) Orestes Araujo, *Geografia Nacional*.

vações e planícies não offerecem um contraste absoluto que faça estabelecer regiões distinctas, como no Brasil, onde são communs as de serras e as de campos. (1) Entretanto, no espectáculo daquellas arterias fluviaes, emolduradas numa vegetação cheia de matizes; daquelles declives alfombrados de grama verdejante; daquellas formosas varzeas uniformes, ha algo de uma majestade desconhecida e impressionante; é um maravilhoso conjuncto paisagístico a impregnar o viandante de melancolica e indefinivel suavidade e encanto. A solidão infinda, o ermo descampado, tem magias indescriptiveis, tem vozes misteriosas, sobretudo quando despertando serena a madrugada, as névoas começam a se dissipar e o sol, ainda não ascendido, deixa que as meias tintas crepusculares se vão cambiando de gradação, à medida que a luz perde as suas indecisões matutinas, até o horizonte illuminar-se, enquanto o *quero-quero* entôa a sua vibrante saudação ao esplendido dia que desponta...

Não era, então, povoado o territorio da Banda Oriental, como os países limitrofes. Lê-se mesmo, em curioso livro da época, que causava satisfação a notavel differença sentida ao penetrar em terras brasileiras: campos arborizados, numerosos gados nas cahidas das cochilhas e nas varzeas... tanta vida e cultura em singular confronto com os desertos da Cisplatina. (2) Terra seductora e ao mesmo tempo semi-barbara, de raça e de meio inteiramente unicos!

Extendia-se o país numa superficie de sete mil e trinta e seis leguas quadradas. (3) Contava apenas tres cidades, e estas mesmas no litoral — Montevideo, Maldonado e Colonia do Sacramento; no inte-

(1) «Nuestro territorio no presenta grandes elevaciones ni extensas llanuras». L. Cincinato Bollo, *Geogr. de la Rep. Orient. del Uruguay*, p. 6.

(2) Arsène Isabelle, *Voyage à Buenos Ayres et à Porto Alegre*, p. 375.

(3) Orestes Araujo, *Geografia Nacional*, p. 141. Ter em conta que a legua quadrada castelhana, aqui referida, é quasi a terça parte da legua de sesmaria ou portuguesa, ainda usada no Brasil.

rior, poucas e pequenas povoações, de insignificante consideração. Só nas proximidades desses centros de população, é que se contavam varios estabelecimentos de criação; a campanha era deserta. (1) Extraordinarios eram os costumes e os habitos do povo. O gaúcho só se entretém no pastorear o gado, serviço que é exclusivamente feito a cavallo. Desde a infancia que o gaúcho se familiarisou com a vida equestre, trabalhando apenas o sufficiente para se provêr da sua pobre vestimenta, de tabaco e de mate. E' um legitimo filho desse meio, sem proximos parentes fóra d'elle. Parece é uma geração espontanea das regiões ermas, que confinam ao norte com o Ibicuf e ao sul com Montevideo; ao occidente com o rio Paraná e ao oriente com o Atlantico. Sem chefes, sem leis, sem policia, todavia ha nelle uma probidade bem definida, que o leva a respeitar a propriedade e a vida alheias. Valente, sobrio e ousado, é o rei da equitação, dos campos e das cochilhas; a monotonia do descampado parece que o fez triste; fala pouco, e é melancolico no gesto, na voz e até nos seus cantares. Todo o gaúcho é soldado por natureza. Nomade de boa indole, tartaro com acentuadas disposições para a vida civilizada, pouco amor tem á commodidade domestica, e é no campo, ao ar livre, no dorso do cavallo, onde se lhe desenvolvem essas inegualaveis aptidões de resistencia ás intemperies, ás fadigas, ao bem estar e até ao vicio; e tornou-se um forte, cheio de instituições proprias e originaes; e até possui sistema de guerra que lhe é peculiar. (2) Em viagem a cama

(1) O país não contava população superior a 70000 habitantes.

(2) «... Os gaúchos não combatiam em linha; a natureza das suas armas e seus costumes poucas facilidades lhes proporcionavam para isso: na presença do inimigo, espalhavam-se em diferentes direcções, sempre galopando, aproximando-se e afastando-se alternativamente com a mesma velocidade evitando habilmente os golpes do adversario, e hostilizando-o continuamente, ora com as armas de fogo que correndo sabem carregar, ora com o laço e as bolas». Nicoláo Dreyf. *Noticia Descritiva da Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul*, p. 195.

é invariavelmente a mesma, e summarissima; a propria sella com os accessorios, e o poncho a servir-lhe de cobertor. O poncho é uma peça de lã ou algodão, que garante o gaúcho simultaneamente da chuva, do pó, do calor e do frio; sobre uma superficie de côr uniforme, medindo sete palmos de largo e doze de comprido, com uma aberta de palmo e meio ao centro, para por aí passar a cabeça, tem varias listas parallelas, de onde tambem o chamar-se-lhe *pala*. Usa ceroulas brancas com comprida franja, *chiripá* ou pano de côr, cingindo-lhe os rins e pendendo até aos joelhos, como tunica; prende-o á cintura uma corrêa onde está a faca, larga e afiadissima; uma camisa, um jaleco ordinariamente azul ou verde, sobre a cabeça um gorro ou barrete frigio, ou simplesmente um lenço e um chapéo mole (1). E' atirador eximio.

As cidades do litoral, ou mesmo os povoados urbanos, observavam costumes europeus, pois tinham meios de instrucção, tolerando a occupação portugueza, e depois a brasileira, apenas pelo receio de novas discordias levadas pela intransigencia facciosa ao cumulo das consequencias. Não assim as povoações ruraes em immediato contacto com os rudes gaúchos, ás quaes o jugo estrangeiro lhes era insupportavel. E ainda que Montevidéo e Colonia condescendessêem com a occupação militar, comtudo o antagonismo entre os costumes dos nacionaes e os dos invasores era profundo, irreductivel. Tinha mais apparencia que realidade o supposto bem estar fruido nessas duas praças subjugadas pela divisão de Lecór. (2) Diversissimos eram interesses, habitos, genio e indole da população do país conquistado; tanto quanto sempre o foram entre espanhóes e portuguezes. Sobretudo o idioma falado era causa

(1) Arsène Isabelle, *Voyage*, p. 321 «... ce sont les plus vils fantassins du monde, mais à cheval, *cuidado!*»

(2) F. Bauzá, *Dominación Espanola en el Uruguay*: «Pasado el ruido de los festejos, todo volvió à quedar en una calma precursora de tempestades muy próximas», vol. III, p. 738.

de irreprimivel desavença (1). A rivalidade de longe procedia; é quasi tão antiga quanto a monarquia portugueza. Conhecido o caracter de um e de outro povo, as suas idéas e as suas aspirações, sabida a discordia reinante entre esses dous vizinhos peninsulares, não era licito esperar de tão viva rivalidade treguas que dêssem logar a que as colonias operassem entre si uma fusão de interesses. Infelizmente o facto é que a passagem dessa animadversão de povos se deu, como triste legado das metropoles para as colonias, obstando a cordialidade que devia reger as jovens nacionalidades sul americanas e limitrofes, apenas emancipadas da antiga oppressão commum. Até hoje para o povo da campanha oriental, mesmo de mediana cultura, os brasileiros somos *portuguezes*.

Erro fatal, em que persistiram os estadistas do primeiro Imperio, com uma inexplicavel e deploravel obstinação, foi o de conservar a Cisplatina no mesmo pé, politicamente falando, de antiga capitania, sem a organização politica e administrativa dada ás demais provincias do Brasil, com um governo pretoriano, provido na pessoa do general Lecór, vitaliciamente.

Em vão os eleitores cisplatinos ao elegerem deputados á Assembléa Constituinte, declararam official e solemnemente que desejavam fosse a capitania igualado a todos os respeitos, ás provincias brasileiras, o que, como era de prevêr, desagradou a Lecór; porquanto desde que á Cisplatina fosse dada organização identica á das provincias, desappareceria das bases da incorporação a clausula que conferia áquelle general o cargo de governador perpe-

(1) «... no pasó un dia que (los portugueses) no fueran... insultados por su cobardia con gritas y algazarras, com mofa de su idioma, costumbres y habitos» *Golpe de vista sobre la guerra entre el Brasil y las Provincias Unidas del R. de la Plata, 1826*. Londres. Mss. da Bib. Nac.

tuo da capitania. (1) Se essa teimosia foi um capricho, o castigo foi pronto e pesado.

Os poucos e verdadeiros estadistas do primeiro Imperio realmente encheram longe e mediram toda a magnitude do difficil problema da Cisplatina, tratando de lhe dar uma plausivel solução, mas que era a unica. E não fora o mais funesto de todos os erros do Imperador, o nefando atentado contra a Assembléa Constituinte, a questão da Cisplatina teria sido quiçá definitivamente resolvida com honra para todos os interessados, e sem offensa directa aos brios dos demais povos sul americanos.

Disponha o PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO PARA O IMPERIO DO BRASIL, redigido pelos Andradas e outros homens illustres, no seu artigo 2º, depois de mencionar nominalmente as provincias e ilhas componentes do referido Imperio: «E POR FEDERAÇÃO O ESTADO CISPLATINO». Não uma provincia — um Estado.

Não ficaria sendo simplesmente uma provincia, mas, muito mais que todas as outras, um ESTADO, insistimos; um Estado autonomo, desprendido da centralização que sugava as provincias, e apenas ligado ao Imperio pelos laços federativos, o que importava em se lhe ter conferido ampla autonomia politica e administrativa. Se ainda assim tamanha concessão não satisfizesse aos orientaes, ao menos o Imperio podia justificar-se, porque procurava reparar uma falta commettida pelos portuguezes.

José Bonifacio ainda no tratamento dessa gravissima questão, quando governo, revelou-se o grande estadista patrio, procurando apagar naquelle país

«Un Español mira a un Portugues, como a un ser inferior, y burla-se aun de su idioma, como una geringonza propia de bufos. Esta opinion inveterada inspira el mas alto desprecio del Portugues, en tal grado que seria difficil acreditar, sin una constante observacion, y el trato intimo com ellos» *Golpe de vista sobre la guerra, etc.*

(1) Armitage, *Historia do Brasil*, p. 141. C. fr. João Moraes, *Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo*, 6º: «... e o general feliz estaria apeado da posição quasi soberana que elle proprio para si creara no tratado.»

tudo quanto recordasse a odiosa conquista. (1) Com a larga e liberal politica que se lhe projectava outorgar, organizando-o federativamente, era possivel que a sua diminuta população se tivesse brasilizado.

O absolutismo, porem, assumido por D. Pedro após o golpe de Estado de 1823, fez com que desgraçadamente permanecesse o *status quo* em que se achava a Cisplatina.

Ocupada por tropas estrangeiras que eram a verdadeira expressão da autoridade, é inegavel que o governo se exercia em fórma rigorosamente coerciva, sem nenhuma probabilidade de se prestigiar, porque as guardas pretorianas em que elle se apoiava, eram as mesmas que por todo o país haviam encontrado resistencias, combates e ciladas: toda a especie de opposição. (2)

Nenhuma medida administrativa tomava o governo militar para reerguer o país daquelle estado de abatimento em que caíra, devido a guerra que o devastara, o vencera e o humilhara. (3) Tão triste estado de cousas não podia ser o prenuncio de dias felizes. Se Lecor fosse um estadista, ou mesmo um homem de mediana aptidão administrativa, preveria a sua proxima queda se não acudisse sem demora com mão habil e energica, sobre a surda agitação que lavrava ameaçadora, tomando as medidas exigidas pela situação, ao menos como preliminares de futuras reformas da competencia do governo do Rio de Janeiro; mas que induzissem os governados a crêr que a administração não era estranha ás suas

(1) «Bem quiz eu, quando estive no ministerio, evitar todo o motivo de descontentamento dos Cisplatinos e aproveitar o olio que tinham aos de Buenos Aires; mas era preciso tirar o ladrão e despotico Laguna de lá, e fazer gosar o país dos beneficios da liberdade constitucional — Escapou-me o ladrão de vir rebulindo, prevenido pela traição do general Marques e do Syndico Zuniga.» Carta de J. Bonifacio a Drummond, 1826. *Cartas Andradinas*, p. 15.

(2) *Golpe de vista sobre a guerra, etc.* cit. mss.

(3) «Desde a primeira occupação de Montevidéo pelos portuguezes, uma só obra publica se não havia emprehendido.» Armitage, *Hist. do Bras.*

necessidades. Devastados estavam os campos e os estabelecimentos pastoris, a pobreza era geral; a justiça mal organizada. Então, o desgosto dos nacionaes ascendeu em espantosa progressão, a medida que se convenceram elles de que o governo timbrava naquella esterilidade administrativa, na indiferença por tudo, sem curar da falta de melhoramentos de ordem alguma. O regimen militar abolira ineptamente as velhas instituições locais conhecidas por *Audiencias*, *Consulados* e *Cabildos*, tradicionaes corporações a cuja sombra se haviam desenvolvido os costumes nacionaes. (1) E os mais insubmissos e descontentes começaram a emigrar para Buenos-Aires e Entré-Rios, povos irmãos, onde ao menos se falava a mesma lingua.

Na verdade, administração que se não inspirava na felicidade do povo, cuja simpatia urgia captar, e que nem ao menos applicava ao país as rendas publicas, estava fatalmente condemnado; só a oclusão dos homens do Rio de Janeiro, tão bem casada com a de Lecor, é que podia illudir-se, a espera de uma submissão consciente ou de uma identificação de causa, de interesses e de destinos. (2)

Alem dos maleficos factores, já conhecidos, que anormalizavam essa precaria situação do Imperio diante a Cisplatina, concorria para agravá-la, e dificultar a missão brasileira, o facto influentissimo de ser a Inglaterra infensa a anexação, por considerar uma tal politica francamente perigosa, porque se fundava no engrandecimento territorial. (3)

### CAPITULO III

A sorte da Provincia Cisplatina constituia, graças a impericia da politica imperial, uma perfeita interrogação; vacillavam os seus filhos de maior influencia e distincção, ante o porvir que se lhes antolhava.

A esclarecidissimos viajantes estrangeiros não foi estranha a problematica situação politica, de tão difficil resolução. Era claro que os principios republicanos, simpaticos aos espanhões da America do Sul, e já adoptados por todos os povos dessa familia, tinham levado a maioria dos naturaes do país a se declarar hostil a qualquer outra fórma de governo. (1)

A submissão do provincia, e o socego que se notava em Montevidéo e na Colonia, eram de desconfiar. Tudo apparencias; nas profundezas insondaveis do vulcão uivavam surdamonte estranhos rumores.

Apenas ultimado o pacto de 1821, alguns ardegos e incansaveis patriotas, insubmissos por indole, cuja vocação caudilhada colimara sob as lições de Artigas, constituiram-se em sociedade secreta, a que lhe deram o nome de *Caballeros Orientales*. para o fim unico de pôrem remate á dominação portugueza, fosse por que meio fosse, comtanto que os orientaes não ficassem sendo nem portuguezes nem brasileiros. Era questão secundaria a da anexação ás Provincias Unidas do Prata ou a da erecção em republica independente. Esses conjurados trataram habilmente de captar o acordo de vistas de Buenos Aires, Corrientes e Entré Rios, procurando mover previamente a opinião publica dessas provincias e invocando a adesão dos gauchos da campanha.

(1) R. Walsh, *Notices of Brasil*, vol. I. p. 251.

(1) O. Araújo, *Sarandi*, cap. I, p. 22.

(2) «Pretender que este país faça parte das possessões portuguezas, dizia alguns annos atraz o integro St. Hilaire, é querer unir elementos contrarios» *Voyage* cit. pag. 216.

(3) Oliveira Lima, *O Reconhecimento do Imperio*, p. 226.

A Argentina, que em 1821 havia recusado a proposta que lhe fazia Portugal, de reconhecer a legalidade daquella anexação, em troca do reconhecimento da Independencia das Provincias Unidas, abriu pressurosamente os braços aos dissidentes orientaes, e condescendeu que em seu territorio se fizesse franca propaganda em prol da revolta contra o Brasil, que elles desenvolviam com audacioso desassombro. Veiu dar pabulo á patriótica agitação libertadora, a proclamação da Independencia do Brasil. Ganhou então primordial importancia a questão oriental, que reclamava da parte do governo argentino habilidade e prudencia. (1)

Os graves acontecimentos politicos que se desenrolavam no Brasil no anno de 1822 concorreram por sua vez a preparar a crise, vindo ao encontro dos que anhelavam o fim da occupação estrangeira.

As duas mais altas patentes portuguezas da Cisplatina, o brigadeiro D. Alvaro da Costa de Sousa de Macedo e o general Lecor abriram luta, porque D. Alvaro perfeito regalista, discordava dos successos occorridos no Brasil como fataes as conveniencias da metropole, e Lecor dispunha-se a acompanhar as pretensões brasileiras. Não tardou que os dous chefes militares se viessem ás mãos, formando-se dous campos armados a se disputarem intrepidamente.

A noticia da Independencia deu logar a que corresse sangue entre os dous partidos. A guarnição da Cisplatina achava-se disseminada por Montevidéo, Colonia, Maldonado, S. José, Canelones, Soriano e Salto, numerando cerca de 5.500 homens, dos quaes uns 3000 eram portuguezes, o que lhes assegurava maioria quasi dupla sobre os brasileiros. Só em Montevidéo, onde a tropa era de 2200 homens, 1770 eram portuguezes e apenas o pequeno resto era brasileiro. (2) Mais agravava a precaria situação de Lecor, sempre propicio aos brasileiros, o atraso em que se achava o pagamento devido ás tropas, cuja soldadesca estrangeira manifestava diariamente o

(1) Garcia Mérou, *Hist. de la Rep. Argentina*, v. II p. 270  
(2) S. Bollo, *Historia* cit. p. 250 ; p. 504.

seu descontentamento e o desejo de regressar á Europa, o que deu logar a que se amotinasse mais de uma vez. (1) Realmente Lecor achava-se em condições muito inferiores a D. Alvaro, que senhor de Montevidéo e da força, hasteou o pendão do legitimismo. Todavia venceu a pertinacia e a energia de Lecor, que, assediando a praça revoltada, a obrigou a render-se.

Em toda a luta da Independencia brasileira este episodio e o da expulsão de Madeira foram as duas jornadas á mão armada que deram áquelle movimento o caracter verdadeiramente sério, sendo motivo de nota o haver escapado aos historiadores patrios a consideração que merece o primeiro delles, superficialmente referido. Bastava, porem, a sinceridade com que se houve Lecor durante essa importantissima e grave emergencia, de consequencias fataes para a causa nacional, se não fora o valor dêsse cabo de guerra, para que a sua memoria deva ser guardada com a profunda veneração que merecem os paes da nossa emancipação patria.

A 8 de Março de 1824, D. Alvaro da Costa fazia-se de vela para alem mar, conduzindo os regimentos denominados Talaveiras e Voluntarios Reaes, numa frota de transportes mercantes composta de nove veleiros, que foram comboiados por uma esquadilha brasileira até fóra das aguas territoriaes do país. Ficava assim plenamente assegurada a autoridade do Imperio até a margem septentrional do Rio da Prata, desocupada de forças que lha podiam abalar.

As condições Moraes porem não sorriam em nada ao Brasil. A rivalidade dos dous capitães portuguezes enfraquecera mais ainda, os já de si frouxos élos que uniam a Cisplatina ao Imperio. A agitação republicana havia tomado vulto ameaçador ; e foi quando exultaram os insurgentes orientaes que anteviam uma occasião opportuna para a realização dos seus novos desejos, que agora eram no sentido de volverem á antiga União do Rio da Prata.

(1) Idem, loc. cit.

A experiencia mostrara-lhes a impossibilidade de poderem viver independentes; não lhes foi agradável a anexação a países de lingua differente, e ao que estavam resolvidos era a não permanecerem como vassallos nem do Brasil nem de Portugal. *Ni Portugueses ni Brasileiros* era o lema da agitação.

Mal sabiam que a temeraria empreza em que se iam metter traria a scisão que queriam evitar. E o Rio da Prata, embora lá perdure ainda esse doirado sonho, estava longe da unificação politica... E', contudo, um povo extraordinario o oriental, que depois de haver conquistado por meio de encarniçada pugna a sua liberdade, deixou que a ambição e o caudilhismo lha invalidassem, a ponto de se tornar ella um verdadeiro perigo. Tãmanha incapacidade organizadora revelaram os caudilhos, que o país se converteu em teatro da mais tumultuosa anarquia, e a obra teve de parar logo no seu inicio.

Tolerou por isso a anexação a outro país, de diversa fórma governativa, o que equivaliu a uma tacita renuncia da Independencia tão custosamente adquirida. Tambem conseguido o effeito, que era a pacificação interna, a confiança em si mesmo e a suppressão das correrias, de novo agitou-se a idéa libertadora.

Pobre país! quantos sacrificios de um pequenino povo pela sua liberdade; elle, que foi dos primeiros na America a inscrever como bandeira de guerra uma divisa tão expressiva quão singela — *con libertad ni ofendo ni temo!*

Começaram a apparecer cartazes por toda a parte, com o fim de excitar o sentimento popular. (1)

(1) «Orientales: ya tenéis separado el Brasil de la Europa Portuguesa, que es decir que soís libres para deliberar sobre vuestra suerte futura con arreglo á un artículo cisplatino acordado para quando así sucediese...» Terminava com a seguinte quadrinha, na qual se descobre quanto tomava vulto a idéa separatista:

«Calle Esparta la immortal,  
Oculte sus glorias Roma.  
Calle el mundo, que ya asoma  
La Republica Oriental» (1)

(1) Berra, *Bosquejo Historico*, p. 239.

Os *Caballeros Orientales* com demasiada desenvoltura trabalhavam por todos os modos ao seu alcance na propaganda do seu programma separatista, e por meio de aliciações de todo o genero, procuravam induzir o austero ministro Bernardino Rivadavia, primacial figura do governo de Buenos Aires, a que os auxiliasse directamente nas suas pretensões. Resolveu-se, por fim, a Argentina a tratar directamente com o governo brasileiro, e para esse objecto enviou ao Rio de Janeiro uma missão especial, cujo plenipotenciario D. Valentim Gomes deveria reclamar a immediata desocupação do territorio oriental, para que este se incorporasse ás Provincias Unidas.

Apenas chegado ao Rio, endereçou Gomes á Secretaria dos Negocios Extranjeros um *memorandum* assás desenvolvido em que lembrava ao governo do Imperio a conveniencia de devolver áquellas Provincias o territorio Cisplatino, uma vez que os costumes, a lingua e a raça dos habitantes o constituam perpetuo inimigo do Imperio, e que este dando ao mundo um incomparavel exemplo da sua magnanimidade e de justiça, abandonasse aquelle país conquistado pela violencia, e que desse modo crearia e asseguraria simpatica e influente posição entre os povos ispano-americanos. Decorreram muitos meses sem que o *memorandum* obtivesse solução. Em janeiro de 1824, Gomes dirigiu outra nota, sobre o mesmo assumpto, mas redigida em termos mais energicos; terminava já em tom de ameaça: que se o governo imperial não resolvesse pacifica e amigavelmente tão importante questão, mais cedo ou mais tarde encontraria sérios e decididos inimigos a combater no Rio da Prata, cabendo ao Imperio a responsabilidade dos futuros acontecimentos. Resolveu-se então o ministro brasileiro, Carvalho e Mello, o inolvidavel diplomata do primeiro Imperio, a contestar a nota, para que se dissuadisse a Argentina dos seus pretenciosos intentos. A chancellaria brasileira foi clara e peremptoria: falou *con insolente desenfado*, escreve consciencioso historiador uruguaio. Data daí o primeiro triumpho, na longa série delles,

alcançado pela diplomacia brasileira sobre a platina. Os factos provaram o hibridismo da união da futura Republica Oriental com o Brasil, mas no momento o Imperio não podia ter tido outra conducta; se Carvalho e Mello (ulteriormente visconde da Cachoeira) tem condescendido com as filauciosas exhortações argentinas, o Brasil ter-se-ia humilhado, e já mais se teria justificado da imputação de medo, que por ventura lhe fizessem. Este passo, necessario na occasião, contudo não o absolve dos grandes erros com que levou a questão. O caso dava margem a outras soluções, e os estadistas brasileiros foram de uma consummada ineptia e imprevidencia, não sabendo aproveitar-se dessa advertencia que tão arrogantemente lhe fazia a Argentina. Pela segunda vez se perdia o ensejo de dar a Cisplatina uma organização politica, que, tanto quanto fosse possível, consultasse e conciliasse as aspirações daquelle povo com as do Brasil, o que teria sido facil experimentar, confederalizando-a. E os politicos do Imperio ou porque não previram as consequencias futuras, e não trataram de conjurá-las, ou porque não sustentaram a guerra subsequente com a energia necessaria, para dominar definitivamente aquelle país pela força d'armas, o que teria sido difficil, mas não impossivel, andaram mal. Mas, abandoná-lo, e entregá-lo á Argentina, só porque esta o exigia, até parece uma ingenuidade o pensar assim. Em todo o caso, o violento desfecho da questão do Prata, se nos foi adverso, tambem o foi a Argentina, visto como se a Banda Oriental não ficou sendo brasileira tambem o não ficou sendo Argentina, o que certamente deveria ter ferido a vaidade desta orgulhosa nação.

O que houve de lamentavel nessa malfadada missão Gomes, foi o horrivel naufragio occorrido no regresso da mesma, e que custou a vida do infortunado secretario diplomatico, Esteban Luca, o vibrante poeta que tanto apreço despertara no Rio de Janeiro.

O insuccesso da missão Gomes e a entrega de Montevideo feita por D. Alvaro da Costa, frustraram

de alguma fórma o plano dos mais exaltados separatistas; porem os não abateram. Até mesmo os asanharam. Muitos emigraram para Buenos Aires e redobram em exigencias junto ao governo do general Rodriguez, que se não animava á declaração de uma guerra contra o Brasil, como lhe insinuavam, com verdadeira pressão, a declará-la. Nem o presidente D. Martin Rodriguez, nem Rivadavia, o emittente estadista, ousavam ceder ás injunções da população. Mostravam-se ambos cautelosos e contemporizadores na sustentação de uma leal neutralidade. Tambem nenhum apoio conseguiram de Bolivar os exaltados: ao grande cidadão repugnava atear uma guerra americana, e por isso repulsou a missão que lhe foi dirigida em nome delles. A mesma politica de abstenção seguiram o novo presidente D. José Gregorio de las Heras e o novo ministro das relações exteriores, D. Manuel José Garcia, «que havia demonstrado no desempenho de diferentes commissões, excepcionaes dotes de talento e sagacidade. 1)»

Tal modo de ver a politica internacional, excitou contra o governo uma forte opposição, pois que os orientaes haviam conquistado a opinião publica, graças a sua intensa e ardente propaganda, largamente diffundida pelos seus pasquins. Era intensa a agitação em prol da guerra contra o Brasil: a imprensa bonaerense incitava violentamente o governo a declará-la. A administração publica perecia, porem, immovel. 2) Tinha de ser assim. A escola de

1) Garcia Mérou, *Hist. de La Republica Argentina*, v. II p. 266.

2) «Garcia, como Rivadavia, era enemigo de la guerra con el Brasil, porque estaba convencido que los orientales no querian formar parte de la Union Argentina, sino sencillamente comprometterla en una guerra en que, victoriosos trabajarian por independizarse, formando una nación aparte, en lo que habia mucho de verdad.» S. Bollo, *Manual de Hist. de la R. O. del Uruguay* § 260 p. 528. Garcia e Rivadavia tinham a visão de perfeitos estadistas, sabendo tirar dos factos presentes as conclusões consequentes: anteviam o futuro.

Sobre a historia da independencia da Republica Oriental, os seguintes escritores platinos tratam com uma idoneidade não commum em outras passagens historicas: Victor Arreguine, *Hist. del Uruguay*, caps. LI a LVII; F. A. Berra, *op. cit.*, caps. CXCI a CCXXI; Santiago Bollo, *op. cit.* caps. XII a XV.



Artigas deixou discipulos. que até hoje sustentam os rudes principios ensinados pelo famoso mestre. Em 1825 eram desaparecidos os motivos da anexação: o que o país anhelava sobremodo era por aquillo que outrora menos havia gosado - a tranquillidade, que a occupação militar lhe assegurara. A Banda Oriental fora desde 1811 até 1820 o teatro de tamanha anarquia, de tão sanguinario caudilhismo e de tão brutal despotismo, que espantaram uma parte da população, talvez a mais considerada pelas condições pessoas, persuadindo-a de que se não fosse posto um paradeiro a tantas desgraças ellas perdurariam indefinidamente. Então esse elemento conservador da sociedade não se oppôs á anexação ao Brasil; não que simpatizasse mais com este que com Buenos Aires, mas porque na occasião o Brasil offercia mais garantias de ordem, mais idoneidade politica, que a Argentina, tambem devastada pelo caudilhismo anarquizador. Simples opportunismo, eis tudo.

O ministro Garcia mediu as consequencias que podiam advir se a Argentina se decidisse prontamente a apossar-se da Cisplatina, empreza arriscada e sómente realizavel por meio de uma guerra externa com o Brasil: Garcia temeu as consequencias. Por seu turno o ministro da guerra, D. Marcos Balcarce, embora simpatico aos orientaes e á guerra, duvidou do exito da aventura armada, e preferiu proseguir na politica espectante dos seus collegas de governo. Mas Garcia, figura proeminente, enfiatura de estadista que não teme o alarido da turba ignara, anonima e apaixonada, foi o alvo preferido pelos ataques dos arruaceiros e pelas calumnias dos agitadores pouco escrupulosos que fazem da imprensa o pelourinho da reputação do adversario. Todavia o ministro resistiu e impôs a sua autoridade. 1)

1) De longe vinham as desconfianças dos separatistas contra Garcia, apodado de traidor. Os seguintes versos populares, afixados ás esquinas de Montevidéo, dão a medida exacta da impopularidade desse homem d'estado:

Os mais irriquietos e ardegos separatistas desesperando da cooperação do governo argentino, de liberaram levar por sua conta, exclusivamente por sua conta e risco, a rebellião ao territorio disputado, em atrevida porfia de vida ou de morte. Tomou a arrojada iniciativa o caudillo D. Juan Antonio Lavalleja, creatura de Artigas e rancoroso inimigo dos brasileiros, no qual o espirito da sedição encarnou maravilhosamente. Grande era o prestigio do chefe dos insurgentes, que inspirava geral confiança, e por isso lhe não faltaram as valiosas adesões de homens influentes, como o coronel Dorrego, o futuro dictador Rosas e outros, conhecidos pela posição e pela fortuna. Promoveram-se subserições e não tardaram a entrar avultados recursos pecuniarios para fazer face ás despezas da grande cruzada.

Despacharam-se de Buenos Aires, caloroso centro da agitação, para a campanha da Provincia Oriental varios individuos em busca de aliciações imprescindiveis ao bom exito dos primeiros passos da empreza. Referem autorizados livros uruguaioes, que uma senhora montevideana, da poderosa familia Oribe, revelou uma diligencia escassamente verificada em mulheres, já promovendo na alfandega de Montevidéo o despacho de armamento para os insurgentes, sem que Lecor desconfiasse, já urdindo uma conspiração militar, para o que procurou corromper os inferiores de um batalhão brasileiro, com

---

Qual es el gobiernó peor ?

Lecor.

Quién dirije su carrera ?

Herrera.

Quién respira tirania ?

Garcia.

Ridicula fantasia !

Pretenden esclavizarnos

Já todos asi engañarnos

Lecor, Herrera, Garcia.

dinheiro recebido da junta revolucionaria com séde em Buenos Aires.

Só o governador da Cisplatina era alheio á effervescente campanha. Lecór confiava de mais na sua autoridade e no seu prestigio; parecia-lhe que o povo oriental o amava, e prezava a sujeição ao Imperio, e, illudido com as apparencias, fechava ouvidos ás communicações que lhe chegavam frequentemente, informando-o das maquinações aprestadas com tamanho empenho.

Parece que os homens de governo, deslumbrados com a grandeza, fascinados com o poder, acreditam na sinceridade de quantos elogios se lhes fazem, e acabam por se tornarem de uma ingenuidade infantil: *em ti não confies, põe em Deus a tua esperança*, ensina desde muitos seculos o filosofo da Imitação de Christo, (1) e no seculo dezoito o duque de La Rochefoucauld parecia menos um pessimista que um perfeito observador, quando sentenciava: «poucos são os de bastante atilamento para preferirem a censura que lhes é util ao elogio que os trae» (2)

Quando Lecór se acordou, pôde verificar que não foi o espirito de intriga o movel que levou alguns informantes a contarem-lhe fielmente o que se passava, e qual a verdadeira situação do país. Era tarde. A propaganda tinha consummado a obra; havia ganho o coração de toda a Cisplatina, cujos moradores, ou exaltados pelo odio contra os brasileiros como descendentes directos dos portuguezes, ou incitados pelas ambições, ou arrastados por interesses e despeitos, quasi todos abrasados por brioso patriotismo, ninguem mais queria a suserania brasileira. Até as mulheres, tomando parte na exaltação dos espiritos, empregavam a sua influencia em atear a chamma do patriotismo. (3)

(1) L. I cap. VII, n. 1

(2) Maxima 147

(3) Pereira da Silva, *Segundo Periodo* etc.

#### CAPITULO IV

Começou emfim Lecór a se mover da sua prolongada indifferença. Uma gazeta de Buenos Aires divulgando nomes de orientaes empenhados no levante da Banda Oriental, mencionou entre elles o do brigadeiro D. Fructuoso Rivera, ao serviço do Brasil, inspector da guarnição de Montevidéo, depositario de particular confiança de Lecór.

Interrogado por seu superior e chefe sobre os fundamentos daquella delação, Rivera possuiu-se de estranha indignação contra a leviandade da folha bonaerense, que aliás falava verdade, como os factos se encarregaram de provar. E é certo que os agitadores da empreza separatista contavam com o previo apoio desse famoso caudilho, já bem conhecido pelas suas incoerencias. Deu esse incidente ensejo a que Rivera se desfizesse em publicos protestos de lealdade a causa brasileira. E ao mesmo tempo que assinava com o seu nome um escrito feito por outrem (porque o brigadeiro Fructuoso Rivera era analfabeto, sabendo apenas traçar as letras do nome), e publicado em Buenos Aires, em que refutava energicamente aquella versão, não cansava de insinuar-se no animo de Lecór, que esqueceu facilmente a delação, sem lhe ter passado pela mente que os Iscariotes não são raros até mesmo nos exercitos.

O chefe da sublevação, Lavalleja, conhecia intimamente o seu compadre Rivera, para ter dado a devida importancia a refutação que este produzira por mão de outro em gazeta de Buenos-Aires.

Crescia a obra dos agitadores; o povo argentino redobrava em diligencia e dedicação. Muitas remessas de armamento seguiram de Buenos Aires para Entre-Rios, de onde eram enviadas para o interior da Cisplatina.

Ocupava nesse época o cargo de consul brasileiro na capital Argentina, um homem sagaz e activo, a cuja perspicacia não escapavam nem os manejos dos promotores da sublevação nem as insidiosas vacillações e calculada condescendencia do governo de Buenos Aires: era Sinfronio Maria Pereira Sodré, a quem estavam reservadas amargas decepções, sem embargo da sua energia em momento tão critico. Pereira Sodré pôs Lecór e o brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues, commandante da praça da Colonia, no conhecimento pleno da conspiração urdida naquella capital, recommendando-lhes que providenciassem contra a invasão abertamente concertada, á sombra da connivencia argentina.

Embora não lhe parecessem cumpridamente fundamentadas tão alarmantes novas, todavia Lecór offendeu ao governo imperial solicitando-lhe reforços de tropa e de navios. Diminuta era a força de que dispunha. A guarnição de Montevidéo numerava menos de 2000 homens, dos quaes 700 formavam os regimentos de cavallaria compostos de orientaes. A amotinação de D. Alvaro da Costa desfalcara extraordinariamente a guarnição da Cisplatina. Tanto a Colonia do Sacramento, como a ilha de Gorrite, fronteira a Maldonado, achavam-se fracamente defendidas: em ambos esses pontos e mais em Mercedes, Salto e Sandú as forças brasileiras não passavam de 1500 homens.

Tão precaria contingencia de recursos parecia, com justa razão, transitoria, porque atentas a extensão e a já numerosa população do Brasil, logo que os orientaes se puzessem a campo, chegariam avultados reforços. Por isso os insurgentes tinham pressa em aproveitar a occasião e convulsionar o país enquanto estava desprovido de meios de resistencia.

Lavalleja bem seguro da abundancia de elementos que sabia haveria de encontrar na Banda Oriental, onde tinha dado entrada a regular copia de armamento; e convencido de que o povo da campanha o haveria de receber de braços abertos, como o Messias que o vinha libertar, convocou os compa-

nheiros de jornada e concitou-os a que o seguissem sem dubiedades nem tergiversações, porque certo seria o triunfo da cruzada. Os commissionedos previamente mandados á Banda Oriental, tinham-lhe trazido as melhores noticias, tudo corria maravilhosamente, e haviam sido tomadas todas as providencias para que, aguardada a expedição revolucionaria em logar aprazado, nada lhe faltasse, esperando-a gente, cavallos e armamento.

Com Lavalleja vinham apenas 33 homens resolvidos a arcarem com todas as consequencias, fossem quaes fossem, as glorias de uma immortal victoria, ou as amargas provanças de um desbarato.

Os destemidos sequazes do Castrioto uruguaio, tendo-o á frente, partiram em aoute de 18 de abril de 1825, das immediações de Buenos Aires, com destino ao outro lado do Uruguai, onde deveriam ser aguardados por gente de toda a sua confiança.

Navegaram em dois lanchões, com vento fresco e sob a ameaça de grande tempestade annunciada por espessas e carregadas nuvens agoureiras; viajaram com extrema cautela, e assim na madrugada seguinte (19 de abril) puderam abicar, inalteravelmente, á Canhada do Gutierrez, abaixo da confluencia do arroio Agraciada, já em plena Banda Oriental. Fazia frio, as nevoas matutinas eram densas, neblinava cerradamente. Todavia os animos estavam optimamente dispostos, mais animados que nunca. Permittira Deus que pisassem enfim o sagrado solo patrio, incendiados por uma convicção ardente, como que misteriosamente predestinados ao cumprimento de um voto messianico. Daí a firmeza e a energia com que momentos após, apenas posto o pé em terra, prestaram aquelle decisivo juramento perante a nova bandeira tricolor, desfraldada por Lavalleja, pela vez primeira ao vento que sopra dos Andes, para que o compromisso se revestisse de mais viva solemnidade, — de libertarem a patria ou perecerem pleiteando a ciclopica causa.

Tal como a lenda da bola de neve rolada do alto da montanha, o exiguo grupo dos trinta e qua-

tro patriotas deu o gigantesco passo através da campanha oriental e avolumou-se de modo tal que ninguém fora dada a previsão. (1) No mesmo dia dessa inesperada e audaciosa invasão, os revolucionarios adentraram-se até a aldêa de S. Salvador, guarnecida por diminuto contingente de soldados brasileiros, commandados pelo oriental d. Julian Laguna, o qual confraternizou com os seus patricios, depois de uma ligeira escaramuça.

De lá avançaram os invasores á consideravel povoação de S. Soriano, risonha estancia em meio de magnificos campos. De caminho se lhe foram incorporando adherentes de todas as procedencias, de sorte que quando a valente partida chegou a S. Soriano já era uma columna de seus 200 homens.

O diligente governador da Colonia, o brigadeiro Manuel Jorge, avisado pelo vigilantissimo consul Pereira Sodré em officio de 18 de Abril, da invasão de Lavalleja, respondeu-lhe em data de 28 desse mês, confirmando o desembarque dos libertadores, e terminando por lhe communicar que «o sr. brigadeiro d. Fructos por estes dias estará sobre elles com 500 homens». O bravo Manuel Jorge illudia-se deploravelmente: nunca elle, ou Lecór, deviam ter dado a d. Fructos a incumbencia de sair a tomar o passo a Lavalleja. Fructuoso Rivera, consummado traidor, destinado a atraiçoar a causa brasileira, mais cedo ou mais tarde haveria de commetter a felonía, mas ao menos lhe tivessem retardado a opportunidade.

Sobresaltara-se com a noticia da invasão o general Lecór, que jamais acreditara em actos de tamanha ousadia; e tardiamente, mas ainda a tempo de evitar um levante dentro da praça de Montevidéo, cuidou de se acautelár. (2) Alarmantes boatos espalhavam os partidarios da revolução, aterrorizando a

(1) O fluente historiader argentino o coronel D. José Amadeu Baldrich prova com documentos irrefutaveis que foram 34 e não 33 os intrepidos legionarios.

(2) Pereira da Silva, *Segundo Periodo do Reinado de Pedro I.* p. 61.

cidade, que não dissimulava as simpatias por Lavalleja; dizia-se que o caudilho já batia ás portas de Montevidéo; que a Colonia do Sacramento caíra em poder dos insurgentes, etc. (1)

A deploravel imprudencia de encarregar ao brigadeiro Rivera a missão de atacar os invasores, levada avante por uma fatal inadvertencia, não fez esperar a prova do erro.

Rivera á frente de uma escolta (2) partiu da Colonia no dia 26 de abril, afim de reunir os contingentes espalhados pela campanha, e com uma columna assim constituida, dar batida no seu velho rival. Ha varias versões sobre a indecorosa farça que se seguiu. A seguinte corre como certa, e é endossada por bons escritores. Avizinhava-se a expedição brasileira da de Lavalleja, nas proximidades do Arroyo-grande, sem que Rivera o soubesse, mas tambem não andava longe da do major Bonifacio Calderon, leal ao Imperio. Rivera mandando-lhe ordem escrita de se lhe incorporar, succedeu que algumas partidas de Lavalleja prendessem o mensageiro, o qual conduzido á presença deste, deu exactas informações do campo brasileiro, e como havia sido outrora soldado de Lavalleja entrou em conchavo com o seu antigo chefe. Acompanhado de alguns insurgentes voltava ás forças de Rivera, quando topou com uma avançada a escoltar o capitão Leonardo Olivera, tambem oriental, ajudante do brigadeiro. Olivera logo se bandeou para o campo inimigo de onde mandou ter ao seu commandante, informando-lhe bastava vir só, porque a força de Calderon onde elle já se achava, era sufficiente para capturar o caudilho insurrecto. Rivera caíu na armadilha. Montar a cavallo, apenas seguido de uma ordenança e dirigir-se ás forças que pensava fossem as de Calderon, quando eram as de Lavalleja, foi obra de minutos. Cercado, foi logo preso, e conhe-

(1) Pereira da Silva, Idem.

(2) Não está apurado se foi acompanhado simplesmente de uma escolta ou de todo o seu regimento (7.º de cavallaria), composto de orientaes.

ceu então o immenso perigo que corria a sua vida, porque deu com a presença do seu rancoroso inimigo d. Manuel Oribe. Astuto, porém, como nenhum outro caudilho, descobriu logo um meio de sair-se airoosamente dessa apertada situação, para o que solicitou a Lavalleja uma conferencia, a qual se realizou num rancho, onde teve logar o pacto da sua aliança á revolta.

Quanto aos pormenores desse facto, de capital consequencia para o exito da independencia da sua patria, nunca foram averiguados. E' até hoje obscuro ponto da historia uruguaia, e apenas o sr. Santiago Bollo fez penetrar alguma luz nesse tenebroso incidente da defecção de Rivera. Este famoso personagem não caíu prisioneiro de Lavalleja, se bem que este sempre asseverasse haver prendido o outro. Existia previo compromisso de Rivera assumido por elle perante o depois celebre d. Juan Manuel Rosas, de se passar para a revolução apenas se apresentasse o primeiro ensejo.

O que é certo é que, ou intencionalmente ou á força, o brigadeiro Fructuoso Rivera abraçou a revolução, e não teve a hombridade de abaixar a mascara logo no primeiro instante, commettendo uma perfidia da qual foi victima o coronel brasileiro Borba; este digno commandante da praça de S. José, ignorando a nova attitude de Rivera, e julgando-o fiel ao Imperio, obedeceu ordens recebidas d'elle, e assim no cumprimento dellas teve a dolorosa surpresa de ser apreendido com a sua coorte de quasi duzentos homens. A adesão de Rivera induziu os commandantes orientaes que andavam pela campanha, como Bonifacio Calderon e Julian Laguna, a se pronunciarem pela revolta. (1)

(1) Calderon pouco se demorou nas fileiras revoltosas; voltou ao serviço do Brasil, onde subiu até o posto de brigadeiro.

Rivera, de agora em diante vae representar com ruidoso realce o seu papel de consummado artista na dramatica historia politica da antiga Banda Oriental do Uruguai, em a qual historia se revelará individualidade profundamente enigmatica, a mais irrequieta, a mais incoerente e a mais ambiciosa figura registada pelos annaes sul-americanos. Porte marcial, fisionomia insinuante, olhar brando revelador de ardís, nariz afilado e levemente adunco, os labios destacados em grosso relevo, tal é o rapido esboço do homem cuja immensa (e ha quem diga funesta) influencia sobre a agitada politica da sua terra, ha sido estudada sob cambiantes criterios, variaveis segundo o movel que os inspira. Encarnação da alma localista e da bravura, portanto do patriotismo e do heroismo, é como o têm em conta os correligionarios e os que alcançaram fortuna por lhe terem caído em graça; pintam-no, porem, como o flagello do seu país, tanto os adversarios como aquelles que incorreram no seu desafecto ou que não lograram fazer carreira á sua sombra.

Desprezam-no os argentinos, que lhe negam todas as virtudes. (1)

Elle, só pelas suas acções, foi causa, durante muito tempo, de os brasileiros considerarem injustamente a palavra de seus patricios, dada em materia de amizade e lealdade, como digna de fé punica.

D. Fructuoso Rivera, ou por abreviação simplesmente D. Fructos, appareceu pela primeira vez no scenario da vida publica, no anno de 1813, em serviço da causa de Artigas, como commandante de uma expedição contra Sarratá, onde obtve uma victoria que o cumulou de justo orgulho e o pôs francamente no caminho das ambições. Tinha então apenas 25 annos de idade e a ambição já se lhe revelava em tudo, principalmente no ardor em alcançar sobre os seus camaradas, quasi tão jovens como elle, essa ascendencia que devia atraír sobre si tantas odiosidades. (2)

(1) Vide a notavel *Historia de la guerra del Brasil*, por D. J. Amadeu Baldrich, Buenos Aires, 1905.

(2) Bauzá, *Dominación Española*, v. III. p. 342.

Decaído o incansavel patriota, Artigas, do seu indomito prestigio, Rivera, cujas derrotas soffridas no anno de 1819 haviam feito os camponeos e os veteranos perder a fé nas suas aptidões militares, (1) ficou bem: porque no anno de 1820, outra vez se alistou sob as bandeiras portuguezas; depois vacillou entre a adopção do regimen portuguez ou a do brasileiro, decidindo-se pelo Brasil, porque o general Lecór lhe acenara com os bordados de brigadeiro. (2) No começo da guerra de 1825, foi-lhe facil o prevêr o desastre que aguardava ao Imperio, e então abjurou os compromissos de lealdade, passando-se para os contrarios, a quem não tardou a desamparar, retirando-se, então, para a Republica Argentina, da qual sempre fora inimigo. Lá começou a urdir tamanha rêde de intrigas, que acabou por desmerecer a confiança de todos a quem havia servido e traído: orientaes, argentinos e brasileiros.

Com os brasileiros chegou novamente a entabular secretas negociações. Mais tarde, durante as alterações que profundamente conturbaram o Rio Grande do Sul no decenio de 1835 a 1845, a sua acção foi nefasta aos dous partidos que porfiavam, mantendo descaradamente a sua bem conhecida duhiedade.

Proverbial era-lhe a grosseira ignorancia; completamente baldo de instrucção, a ponto de traçar quasi que em fórma de simples riscos as letras do seu nome, era entretanto dotado de profunda penetração, e a intelligencia e a prontidão com que apanhava os factos, faziam crêr aos iuterlocutores que dispunha de saber ou illustração não escassa. Elevado ao generalato pela nimia benevolencia e credulidade de Lecór, quando nenhum titulo o recommendava naquella época a tão elevado posto, a revolta patrioti-

(1) Idem, idem, p. 721.

Declara Baldrich em nota á p. 101 da sua *Historia*, que em 1811 Rivera se bandeou do campo patriotico para o exercito portuguez do general Marques de Sousa, a quem não tardou a atraiçoar passando-se em 1813 para *as tropas irregulares de Artigas*.

(2) Berra, *Bosquejo*, p. 242

ca o conservou com essa patente, para cujo exercicio não tinha nenhuma competencia militar. Jamais passou de um mero caudilho, com todos os seus vicios e com todas as suas qualidades. Mas um caudilho differente do taciturno Lavalleja. O caudilhismo de Rivera se resume nas suas desmedidas pretensões, nas suas apostasias, nas suas corrupções, e acima de tudo, como eminente caracteristico da sua sua arrogante mediocridade — essa insaciavel ambição. A audacia, a proverbial astucia, a felicidade, a franqueza para com a gente rustica, a amenidade do trafo e alguns rasgos de generosidade, peculiares a todo o gaúcho, foram a causal da sua proeminente e indiscutivel influencia sobre a inculta turba rural.

E' inegavel que o povo da campanha lhe desconhecia a exuberancia de falsidades, e pouco se importava com a sua defficiencia de letras e as demais imperfeições, inadmissiveis em politico com pretensões a estadista, sem nenhuma escola que não a do caudilhismo de Artigas. Como todo o ambicioso, subordinava a causa publica ás suas vistas e ás suas paixões

Tal foi o efemero braço forte de Lavalleja na primeira fase da guerra.

Consummada a proeza de Rivera, não estranhavel em quem inalteravelmente se traçara uma rota de apostasias, a revolução estava de parabens. Realmente mal dado o primeiro passo e já ganho poderoso elemento, de incontestavel autoridade e fama sobre a massa dos moradores da campanha, a revolução estreaava sob os mais lisongeiros auspicios.

Estabeleceu Lavalleja o seu quartel general em Santa-Lucia-chica, a uma legua de Florida, emquanto Rivera proseguia a tarefa de captar adesões e sublevar as animosidades contra o Brasil. Assim foi que o regimento de dragões orientaes, aquartelado em Durazno não tardou a se amotinar, prender o commandante e fazer causa commum com os patriotas.

A conducta de Rivera actuou profundamente no animo de Lecór, causando-lhe vivissima decepção,

profundo pezar e abatimento, visto que o caudilho, se por um lado com o lhe haver grangeado o affecto e a confiança, agora lhe dava tão intenso desgosto, por outro lado o pleno conhecimento das cousas e dos homens da provincia, elementares no transfuga, popular como ninguem, lhe davam penoso cuidado. Então foi energico, fez prisões, policiou rigorosamente a cidade de Montevideo e deportou para o Rio de Janeiro varios orientaes influentes, suspeitos de connivencia com a sublevação.

## CAPITULO V

Governava a provincia do Rio Grande do Sul, como seu presidente, o austero visconde de S. Leopoldo, o dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, com plena consciencia da responsabilidade e dos deveres que recaíam sobre a sua pessoa, quando em principios de maio de 1825, chegaram a Porto Alegre as gravissimas novas da conflagração que agitava estranhamente a Provincia Oriental. Já a primeira autoridade militar, denominada ao tempo «governador das armas», o marechal de campo José dos Santos Abreu, barão do Serro Largo, respeitado e popular, pela sua impetuosa valentia, não se houve em tão melindrosa contingencia, com a reflexão e o tino revelados pelo presidente-

Abreu, alvoroçado com a perspectiva da nova guerra, estado de cousas para elle melhor que todos os outros, como sendo a causa efficiente da sua prosperidade, tratou de obrar por sua conta e risco, desprezando toda e qualquer combinação ou accordo de vistas com a autoridade civil. Correu a assumir o cemmando das forças que estacionavam na campanha, concentrando-as no Passo do Rosario: melindrara-o uma atrevida epistola de Rivera, datada de 12 de maio, em que convidava a elle Abreu a aderir a revolta. (1)

No Alegrete estabeleceu o quartel-general. Julgando, mais tarde, que a insurreição se circumscrevesse ao territorio ao sul do Rio Negro e não tomasse maiores proporções, abandonou o primeiro alvitre, que era o de guardar a fronteira de Missões, e tomou a resolução, muito pretenciosa e errada, no

(1) No arquivo publico do Rio Grande do Sul encontra-se outra dirigida ao presidente visconde de S. Leopoldo, com identico fim.

entender do visconde de S. Leopoldo, de suffocá-la naquelle territorio.

Pelo Arapeí baixou elle, internando-se no país sublevado, a frente de uma columna de 1000 homẽs (28 de maio de 1825), sempre avante, no intuito de transpôr o Rio Negro, no passo de Quinteros.

Em caminho incorporou-se-lhe o brigadeiro Sebastião Barreto com quasi 800 homens, pelo que Abreu repartiu toda a força em duas brigadas, confiando uma, a 1.<sup>a</sup>, ás ordens do dito Barreto e a outra, a 2.<sup>a</sup>, ao coronel Bento Manuel Ribeiro.

Não sorria a fortuna á causa do Imperio. Nenhuma vantagem lograram as armas brasileiras com esta antecipada incursão, que deu origem ás mais factaes desintelligencias entre aquelles dous generaes, alem de não ter podido registrar feito algum, que aproveitasse o decoro militar. (1) Como o inverno fosse adiantado e as chuvas produzissem enchente, a marcha foi se tornando cada vez mais penosa. As aguas do Rio Negro, crescidamente engrossadas, não deram logar a que divisão de Abreu pudesse transpô-lo no Passo de Quinteros, de onde por prevenção os orientaes haviam retirado todas as canoas e lanchas. Este imprevisto contratempo obrigou a columna a derivar até muito mais abaixo, onde afinal, em Palmares, foi-lhe possivel, embora difficultosamente, a passagem do Rio Negro.

Grave era a situação da tropa brasileira invasora, porque tinha pelo flanco o inimigo com forças avolumadas, passante de 3000 homens, a receber diariamente armas e munições do governo de Buenos Aires; e por isso o visconde de S. Leopoldo encheu-se de cuidado quando recebeu do marechal Abreu comunicação em que dizia «ir quanto antes procurar os rebeldes, que ha toda a probabilidade de se acharem reunidos ao traidor Fructuoso Rivera no sitio de Santiago, que distava daquelle passo dez leguas, e atacá-los por todos os modos possiveis.»

(1) «A Barreto já repugnava a circumstancia de servir sob as ordens de Abreu, em quem via um rival futuro; e por isso começaram os atrictos...» RIO BRANCO, *O general José de Abreu.*

Em boa hora, aliás, Abreu desistiu dessa aventura, que só poderia ter sido coroada de bom exito, se o ataque fosse feito em plena e rigorosa intelligencia com Lecór, que poderia fer-lhe dispensado grosso contingente da guarnição de Montevidéo. A não ser desse modo, o desbarato seria certo. Lecór, entretanto, tinha razões para não comprometter a sua força. Este experimentado, ainda bem que inactivo, general europeu, entendia que que as suas aguerridas tropas regulares não eram as mais idoneas para guerrear intrepidos gaúchos, eximios cavallarianos, habilissimos no manejo da lança, da espada, do laço e das boleadeiras; capazes de montar sobre qualquer animal por mais bravo ou imperfeitamente domado que fosse; consummados na arte das guerrilhas, das ciladas e dos ataques rapidos e inesperados: Lecór estava convencido de que só com corpos de cavallaria rio-grandense, sufficiente em numero e em recursos, se poderia tirar partido contra os insurgentes.

O marechal Abreu ganhou então as linhas de Mercedes, occupando esta povoação. Lançou daí um seu manifesto, deploravelmente inepto, cheio de retumbantes chavões e de inuteis invocações aos orientaes, procurando aliciações que todo o mundo reppellia. Esta proclamação, lançada em safaro terreno, repulsada pela campanha, foi um acto ridiculo e inoportuno. A occasião não dava logar a que leituras e promessas vagas e descomposturas, produzissem o que as armas não alcançavam. Demais, a decretação da lei marcial em Montevidéo e as deportações de distinctos orientaes, como d. Juan Francisco Giró, d. Juan Benito Blanco e outros, vieram alienar as já de si frouxas simpatias pelo Brasil. O peor foi que influentes personagens, como d. Damaso Larrañaga, d. Lucas José Obes e a conceituadissima e antiga familia Durán, aderiram a revolução. Fieis as Brasil poucos permaneciam: apenas Garcia Zuñiga, o dr. Nicolas Herrera e alguns mais.

Em Buenos Aires os animos cada vez mais se exaltavam contra o Brasil, o que não deixava de dif-



ficultar o governo daquelle paiz, que considerava perigosa uma rotura de relações com o Brasil. Mas, não obstante os protestos do ministro Garcia, unânimes na negativa de co-participação e connivencia argentinas, o parque de Buenos Aires fornecia copiosas remessas de armas e de munições aos revolucionarios. As reclamações officiaes, incessantemente formuladas pelo consul brasileiro perante o goveno argentino, não demoviam o partido da guerra, que nenhum caso fazia dellas, e redobrava em insidiosas manifestações contra o Brasil. O povo ameaçava as autoridades e a imprensa não conheceu limites para os seus virulentos excessos de linguagem.

No porto de Buenos Aires os agitadores da opinião publica armaram cinco baleeiras e uma balandra, a custa de uma subscrição popular, que corria publicamente, destinadas ao corso; partiram naoute de 24 de maio, com o intento de abordarem e se apoderarem da corveta brasileira *Liberal*, fundeada na Colonia do Sacramento.

Ou porque houvessem sido presentidos, ou porque se não animassem os atacantes a tanto arrojo, a expedição volveu a Buenos Aires, sem nada haver conseguido.

Não tardou que Pereira Sodré reclamasse contra essa tentativa de assalto, dirigindo em 1.º de junho uma nota ao ministro Garcia, pedindo explicações acerca das tenções do governo argentino, ao mesmo tempo que protestava contra a tolerancia dessa autoridade, capaz de dar logar a um rompimento da amizade que felizmente ligava os dous países.

Garcia, pela primeira vez, removeu uma ponta do véo que encobria os secretos planos do seu governo. Não deu resposta á nota, e como Sodré lhe solicitasse uma audiência, a que accedeu Garcia, comtudo se negou a dar-lhe as explicações, desculpendo-se cortêsmente com o pretexto de que Pereira Sodré era um simples consul, a quem faltava representação diplomatica, necessaria para tratar de taes assuntos. Entretanto, nesse mesmo dia, o governo

argentino tomou providencias tendentes ao impedimento da repetição de factos dessa ordem, que fatalmente lhe compromettiã a neutralidade.

Desde, porem, os meiaados do mês antecedente o general Las Heras tratava de manter uma neutralidade armada, dizemos assim porque nos não é licito o emprego de epitetos desairosos contra o acto do governo e do Congresso Geral que vindo ao encontro dos desejos ou temores daquelle, elaborou uma lei, em que se autorizava o poder executivo a prover a defeza e segurança do Estado, recommendando-lhe reforçasse a linha do Uruguai, como precaução contra os acontecimentos que pudessem advir da guerra ateadã na Banda Oriental. Para este fim, de interesse nacional, devia estimular-se «o zelo e o patriotismo dos governos das provincias para que com brevidade puzessem á disposição do governo toda a força de linha que não lhes fosse necessaria a segurança interna das mesmas provincias».

Não devemos ajuizar mal dos homens de uma nação estrangeira, quando ha um Garcia, que não se póde admittir se sujeitasse a tão violenta aggressão da imprensa e do povo, que até de traidor o acusavam, se não fosse um convencido da necessidade da manutenção de paz com o Brasil. Essas medidas bellicas, queremos crêr que fossem devidas ao temor de que os brasileiros tentassem um golpe de mão sobre a provincia de Entre Rios, verdadeira base de operações dos orientaes, o que obrigou Buenos Aires a ordenar a concentraçã de um exercito, por effeito da autorizaçã do Congresso, sobre a costa do Uruguai, e que recebeu o nome de Exercito de Observaçã: em agosto o general Rodriguez assumia e commando geral das ditas forças.

O Brasil, por sua vez, mal recebeu as primeiras noticias da gravissima situaçã dos negocios do Prata, não se descuroou. Teve ordem o vice-almirante, Rodrigo José Ferreira Lobo, antigo official portuguez, que infelizmente se não recommendava por nenhum titulo de merecimento, de se fazer ao mar com destino a Montevidéo, commandando uma pesada es-

quadra em que embarcaria um consideravel reforço para essa praça, numerando 1.283 homens sob o mando do tenente-general Francisco de Paula Magessi (barão da Villa Bella). Desembarcada essa tropa em Montovideo, o almirante Lobo deveria apresentar-se com a sua esquadra defronte a Buenos Aires, em fórma de demonstração naval em aguas daquella capital, para talvez intimidar o seu governo e conseguir as satisfações negadas ao consul Pereira Sodré.

Fundeando fronteiro a Buenos Aires, o velho almirante portuguez, que já uma vez fora atacado e vencido em alto mar por corsarios argelinos, dirigiu de berdo da capitanea (corveta *Liberal*) uma extensa nota ao ministro Garcia, na qual expunha:

«Não podendo S. M. Imperador persuadir-se que o governo de Buenos Aires, a que o Brasil tem dado todas as provas de amizade, se presta a proteger medidas revolucionarias indecorosas para governos civilizados, e a fomentar hostilidades, sem uma declaração aberta e franca de guerra, não se resolve a lançar mão dos meios hostis permittidos pelo direito das gentes, e que estão ao seu alcance, sem exigir primeiro as explicações convenientes». Era datada de 5 de julho de 1825.

No dia seguinte a chancellaria argentina contestou laconicamente a nota de Rodrigo Lobo: declarava-se pronta a discutir os factos alegados por aquelle almirante, quando constasse a ella que o commandante das forças navaes, surtas em Montevideo, tinha os devidos poderes estabelecidos pelo direito internacional para tratar dos mesmos factos.

Replicou em 7 de julho o almirante da armada brasileira.

A redacção desse documento, em termos inexpressivos, faltando-lhe decisão e firmeza, mostram o effeito causado no animo do brasileiro pela incisiva e habil interpeção do argentino. Rodrigo Lobo limitou-se a responder que lhe ordenara S. M. o Imperador procedesse pela maneira e forma prescritas nas instrucções recebidas do seu governo, e que nessa conformidade, formulara a primeira nota.

Não demorou a treplica do ministro Garcia, articulada com habilidade, cortesia e firmeza. Polida mas energica. Insistiu sobre a falta de caracterização diplomatica do almirante, e que embora não fosse pratica do governo das Provincias Unidas, o entrar em explicações diplomaticas com um chefe militar, apresentado com uma força armada e em attitude verdadeiramente hostile, todavia a dignidade do seu governo não vacillava em desmentir a imputação de haver promovido a sublevação da Banda Oriental, e negava solemnemente tal accusação; se a revolução havia recebido socorros de armamento de Buenos Aires, é que haviam sido comprados por particulares e a custa delles, segundo permite a liberdade de commercio; recordava haverem-se tomado medidas repressivas contra os acontecimentos capazes de comprometter a responsabilidade governamental; declarava finalmente que como não podia ser indifferente ao governo das Provincias Unidas o estado em que se achava a Banda Oriental, por lhes affectar profundamente a tranquillidade e sendo por isso urgente o estabelecimento das futuras relações da Republica com o Imperio, havia ella deliberado enviar ao Rio de Janeiro uma missão especial, que provasse ao mesmo tempo á côrte do Brasil as amistosas disposições do governo nacional. Terminava por declarar que cessavam pois todas e quaesquer explicações de character diplomatico com o vice-almirante.

Dias depois, em 11 de julho, Rodrigo Lobo accusava o recebimento daquella communicação, assegurando que não devia tomar-se como attitude hostile o haver-se apresentado na capital argentina com parte da força naval do seu commando; e que, interessado o Imperio no conservar as relações amistosas, só trataria de impedir a exportação de provisões para os rebeldes, e a incursão de piratas, já que infructiferas eram as medidas tomadas pelo governo da Republica.

O chefe militar satisfeito com a promessa feita,

de mandar o governo argentino uma missão especial ao Rio de Janeiro para resolver as reclamações (missão que a marcha precipitada dos acontecimentos não permittiu que se realizasse), deu por finda a sua tarefa.

E' de admirar que a chancellaria brasileira, então gerida por Carvalho e Mello, emulo de Garcia em sagacidade e competencia, tivesse commettido a falta de enviar á páis estrangeiro, cujas relações já se achavam visivelmente tensas, um representante sem se achar investido regularmente das funções diplomaticas.

O resultado não foi decoroso para a dignidade brasileira. Se propositadamente se deixou de cumprir aquella formalidade juridica, para dar á missão Lobo, o caracter de demonstração naval, deve convir-se que em meio do successo, lhe faltou a necessaria energia, e a demonstração perdeu todo o effeito, burlando-se-lhe o intuito. Demais, não deixou de concorrer para o desprestigio da inutil e caricata demonstração bellica, as insistentes, irritantes e atrevidas manifestações de desagrado irrogadas pelo populacho de Buenos Aires, á guarnição brasileira.

Seus officiaes não podiam baixar a terra, mesmo trajando a paisana, sem quo fossem alvo de assuadas. Os marinheiros eram subornados e induzidos á deserção. A caro preço eram conseguidos os abastecimentos, porque o commercio se negava a servir a esquadra, ainda mesmo que pagasse alto custo.

Retirando-se o vice-almirante Lobo, nas condições expostas, que não podemos deixar de reconhecer desairosas, deixou um de seus officiaes, o capitão tenente Antonio José Falcão da Frota, como consul e agente politico do Brasil, em substituição a Pereira Sodré, cuja insustentavel situação forçara-o a abandonar o cargo.

Falcão da Frota foi oficialmente recebido em caracter diplomatico, no dia 21 de julho de 1825; mas não pôde nem melhorar a ordem de cousas, nem prestigiar a sua posição, continuando a receber doestos dos exaltados, ainda que o governo e a opi-

nião moderada do país reprovassem tamanhas demasias e provocações.

Não tardou que se queixasse tanto ao seu governo como ao argentino dos ultrajes populares de que era victima, e em agosto reclamou formalmente perante o ministro Garcia contra o irritante acto do armamento em Buenos Aires dos corsarios *San Martin*, *Guilherme* e *Lavalleja*. O ministro assegurou-lhe que o governo providenciaria, tanto assim que foram dadas ordens para que não saíssem sem que previamente satisfizessem as condições regulares da navegação mercante. Mas os corsarios não obedeceram, e navios brasileiros mercantes e mesmo de guerra foram atacados. O ministro argentino sinceramente procurava reprimir esta originalissima guerra em tempo de paz, coibindo o curso; mas a conspiração popular contra os *macacos*, podia mais que a vontade do estadista...

profundo pezar e abatimento, visto que o caudilho, se por um lado com o lhe haver grangeado o affecto e a confiança, agora lhe dava tão intenso desgosto, por outro lado o pleno conhecimento das cousas e dos homens da provincia, elementares no transfuga, popular como ninguem, lhe davam penoso cuidado. Então foi energico, fez prisões, policiou rigorosamente a cidade de Montevideo e deportou para o Rio de Janeiro varios orientaes influentes, suspeitos de connivencia com a sublevação.

## CAPITULO V

Governava a provincia do Rio Grande do Sul, como seu presidente, o austero visconde de S. Leopoldo, o dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro, com plena consciencia da responsabilidade e dos deveres que recaíam sobre a sua pessoa, quando em principios de maio de 1825, chegaram a Porto Alegre as gravissimas novas da conflagração que agitava estranhamente a Provincia Oriental. Já a primeira autoridade militar, denominada ao tempo «governador das armas», o marechal de campo José dos Santos Abreu, barão do Serro Largo, respeitado e popular, pela sua impetuosa valentia, não se houve em tão melindrosa contingencia, com a reflexão e o tino revelados pelo presidente-

Abreu, alvoroçado com a perspectiva da nova guerra, estado de cousas para elle melhor que todos os outros, como sendo a causa efficiente da sua prosperidade, tratou de obrar por sua conta e risco, desprezando toda e qualquer combinação ou accordo de vistas com a autoridade civil. Correu a assumir o cemmando das forças que estacionavam na campanha, concentrando-as no Passo do Rosario: melindrara-o uma atrevida epistola de Rivera, datada de 12 de maio, em que convidava a elle Abreu a aderir a revolta. (1)

No Alegrete estabeleceu o quartel-general. Julgando, mais tarde, que a insurreição se circumscrevesse ao territorio ao sul do Rio Negro e não tomasse maiores proporções, abandonou o primeiro alvitre, que era o de guardar a fronteira de Missões, e tomou a resolução, muito pretenciosa e errada, no

(1) No arquivo publico do Rio Grande do Sul encontra-se outra dirigida ao presidente visconde de S. Leopoldo, com identico fim.

entender do visconde de S. Leopoldo, de suffocá-la naquelle territorio.

Pelo Arapeí baixou elle, internando-se no país sublevado, a frente de uma columna de 1000 homens (28 de maio de 1825), sempre avante, no intuito de transpôr o Rio Negro, no passo de Quinteros.

Em caminho incorporou-se-lhe o brigadeiro Sebastião Barreto com quasi 800 homens, pelo que Abreu repartiu toda a força em duas brigadas, confiando uma, a 1.<sup>a</sup>, ás ordens do dito Barreto e a outra, a 2.<sup>a</sup>, ao coronel Bento Manuel Ribeiro.

Não sorria a fortuna á causa do Imperio. Nenhuma vantagem lograram as armas brasileiras com esta antecipada incursão, que deu origem as mais factaes desintelligencias entro aquelles dous generaes, alem de não ter podido registrar feito algum, que aproveitasse o decoro militar. (1) Como o inverno fosse adiantado e as chuvas produzissem enchente, a marcha foi se tornando cada vez mais penosa. As aguas do Rio Negro, crescidamente engrossadas, não deram logar a que divisão de Abreu pudesse transpô-lo no Passo de Quinteros, de onde por prevenção os orientaes haviam retirado todas as canoas e lanchas. Este imprevisto contratempo obrigou a columna a derivar até muito mais abaixo, onde afinal, em Palmares, foi-lhe possível, embora difficulosamente, a passagem do Rio Negro.

Grave era a situação da tropa brasileira invasora, porque tinha pelo flanco o inimigo com forças avolumadas, passante de 3000 homens, a receber diariamente armas e munições do governo de Buenos Aires; e por isso o visconde de S. Leopoldo encheu-se de cuidado quando recebeu do marechal Abreu communicação em que dizia «ir quanto antes procurar os rebeldes, que ha toda a probabilidade de se acharem reunidos ao traidor Fructuoso Rivera no sitio de Santiago, que distava daquelle passo dez leguas, e atacá-los por todos os modos possiveis.»

(1) «A Barreto já repugnava a circumstancia de servir sob as ordens de Abreu, em quem via um rival futuro, e por isso começaram os atrictos...» RIO BRANCO, *O general José de Abreu.*

Em boa hora, aliás, Abreu desistiu dessa aventura, que só poderia ter sido coroada de bom exito, se o ataque fosse feito em plena e rigorosa intelligencia com Lecór, que poderia ter-lhe dispensado grosso contingente da guarnição de Montevidéo. A não ser desse modo, o desbarato seria certo. Lecór, entretanto, tinha razões para não comprometter a sua força. Este experimentado, ainda bem que inactivo, general europeu, entendia que que as suas aguerridas tropas regulares não eram as mais idoneas para guerrear intrepidos gaúchos, eximios cavallarianos, habilissimos no manejo da lança, da espada, do laço e das boleadeiras; capazes de montar sobre qualquer animal por mais bravio ou imperfeitamente domado que fosse; consummados na arte das guerrilhas, das ciladas e dos ataques rapidos e inesperados: Lecór estava convencido de que só com corpos de cavallaria rio-grandense, sufficiente em numero e em recursos, se poderia tirar partido contra os insurgentes.

O marechal Abreu ganhou então as linhas de Mercedes, occupando esta povoação. Lançou daí um seu manifesto, deploravelmente inepto, cheio de retumbantes chavões e de inuteis invocações aos orientaes, procurando aliciações que todo o mundo reppellia. Esta proclamação, lançada em safaro terreno, repulsada pela campanha, foi um acto ridiculo e inoportuno. A occasião não dava logar a que leituras e promessas vagas e descomposturas, produzissem o que as armas não alcançavam. Demais, a decretação da lei marcial em Montevidéo e as deportações de distinctos orientaes, como d. Juan Francisco Giró, d. Juan Benito Blanco e outros, vieram alienar as já de si frouxas simpatias pelo Brasil. O peor foi que influentes personagens, como d. Damaso Larrañaga, d. Lucas José Obes e a conceituadissima e antiga familia Durán, aderiram a revolução. Fieis as Brasil poucos permaneciam: apenas Garcia Zuñiga, o dr. Nicolas Herrera e alguns mais.

Em Buenos Aires os animos cada vez mais se exaltavam contra o Brasil, o que não deixava de dif-

ficultar o governo daquelle paiz, que considerava perigosa uma rotura de relações com o Brasil. Mas, não obstante os protestos do ministro Garcia, unânimes na negativa de co-participação e connivencia argentinas, o parque de Buenos Aires fornecia copiosas remessas de armas e de munições aos revolucionarios. As reclamações officiaes, incessantemente formuladas pelo consul brasileiro perante o goveno argentino, não demoviam o partido da guerra, que nenhum caso fazia dellas, e redobrava em insidiosas manifestações contra o Brasil. O povo ameaçava as autoridades e a imprensa não conheceu limites para os seus virulentos excessos de linguagem.

No porto de Buenos Aires os agitadores da opinião publica armaram cinco baleeiras e uma balandra, a custa de uma subscrição popular, que corria publicamente, destinadas ao corso; partiram na noute de 24 de maio, com o intento de abordarem e se apoderarem da corveta brasileira *Liberal*, fundeada na Colonia do Sacramento.

Ou porque houvessem sido presentidos, ou porque se não animassem os atacantes a tanto arrojo, a expedição volveu a Buenos Aires, sem nada haver conseguido.

Não tardou que Pereira Sodré reclamasse contra essa tentativa de assalto, dirigindo em 1.º de junho uma nota ao ministro Garcia, pedindo explicações acerca das tenções do governo argentino, ao mesmo tempo que protestava contra a tolerancia dessa autoridade, capaz de dar logar a um rompimento da amizade que felizmente ligava os dous paes.

Garcia, pela primeira vez, removeu uma ponta do véo que encobria os secretos planos do seu governo. Não deu resposta á nota, e como Sodré lhe solicitasse uma audiencia, a que accedeu Garcia, comtudo se negou a dar-lhe as explicações, desculpando-se cortêsmente com o pretexto de que Pereira Sodré era um, simples consul, a quem faltava representação diplomatica, necessaria para tratar de taes assuntos. Entretanto, nesse mesmo dia, o governo

argentino tomou providencias tendentes ao impedimento da repetição de factos dessa ordem, que fatalmente lhe compromettiam a neutralidade.

Desde, porem, os meiados do mês antecedente o general Las Heras tratava de manter uma neutralidade armada, dizemos assim porque nos não é licito o emprego de epitetos desairosos contra o acto do governo e do Congresso Geral que vindo ao encontro dos desejos ou temores daquelle, elaborou uma lei, em que se autorizava o poder executivo a prover a defeza e segurança do Estado, recommendando-lhe reforçasse a linha do Uruguai, como precaução contra os acontecimentos que pudessem advir da guerra ateadá na Banda Oriental. Para este fim, de interesse nacional, devia estimular-se «o zelo e o patriotismo dos governos das provincias para que com brevidade puzessem á disposição do governo toda a força de linha que não lhes fosse necessaria a segurança interna das mesmas provincias».

Não devemos ajuizar mal dos homens de uma nação estrangeira, quando ha um Garcia, que não se póde admittir se sujeitasse a tão violenta aggressão da imprensa e do povo, que até de traidor o acusavam, se não fosse um convencido da necessidade da manutenção de paz com o Brasil. Essas medidas bellicas, queremos crêr que fossem devidas ao temor de que os brasileiros tentassem um golpe de mão sobre a provincia de Entre Rios, verdadeira base de operações dos orientaes, o que obrigou Buenos Aires a ordenar a concentração de um exercito, por effeito da autorização do Congresso, sobre a costa do Uruguai, e que recebeu o nome de Exercito de Observação: em agosto o general Rodriguez assumia e commando geral das ditas forças.

O Brasil, por sua vez, mal recebeu as primeiras noticias da gravissima situação dos negocios do Prata, não se descuroou. Teve ordem o vice-almirante, Rodrigo José Ferreira Lobo, antigo official portuguez, que infelizmente se não recommendava por nenhum titulo de merecimento, de se fazer ao mar com destino a Montevidéo, commandando uma pesada es-

quadra em que embarcaria um consideravel reforço para essa praça, numerando 1.283 homens sob o mando do tenente-general Francisco de Paula Magessi (barão da Villa Bella). Desembarcada essa tropa em Montovidéo, o almirante Lobo deveria apresentar-se com a sua esquadra defronte a Buenos Aires, em fórma de demonstração naval em aguas daquella capital, para talvez intimidar o seu governo e conseguir as satisfações negadas ao consul Pereira Sodré.

Fundando fronteiro a Buenos Aires, o velho almirante português, que já uma vez fora atacado e vencido em alto mar por corsarios argelinos, dirigiu de berdo da capitanea (corveta *Liberal*) uma extensa nota ao ministro Garcia, na qual expunha:

«Não podendo S. M. Imperador persuadir-se que o governo de Buenos Aires, a que o Brasil tem dado todas as provas de amizade, se presta a proteger medidas revolucionarias indecorosas para governos civilizados, e a fomentar hostilidades, sem uma declaração aberta e franca de guerra, não se resolve a lançar mão dos meios hostis permittidos pelo direito das gentes, e que estão ao seu alcance, sem exigir primeiro as explicações convenientes». Era datada de 5 de julho de 1825.

No dia seguinte a chancellaria argentina contestou laconicamente a nota de Rodrigo Lobo: declarava-se pronta a discutir os factos alegados por aquelle almirante, quando constasse a ella que o commandante das forças navaes, surtas em Montevidéo, tinha os devidos poderes estabelecidos pelo direito internacional para tratar dos mesmos factos.

Replicou em 7 de julho o almirante da armada brasileira.

A redacção desse documento, em termos inexpressivos, faltando-lhe decisão e firmeza, mostram o effeito causado no animo do brasileiro pela incisiva e habil interpegação do argentino. Rodrigo Lobo limitou-se a responder que lhe ordenara S. M. o Imperador procedesse pela maneira e forma prescritis nas instrucções recebidas do seu governo, e que nessa conformidade, formulara a primeira nota.

Não demorou a treplica do ministro Garcia, articulada com habilidade, cortesia e firmeza. Polida mas energica. Insistiu sobre a falta de caracterização diplomatica do almirante, e que embora não fosse pratica do governo das Provincias Unidas, o entrar em explicações diplomaticas com um chefe militar, apresentado com uma força armada e em attitude verdadeiramente hostil, todavia a dignidade do seu governo não vacillava em desmentir a imputação de haver promovido a sublevação da Banda Oriental, e negava solememente tal accusação; se a revolução havia recebido socorros de armamento de Buenos Aires, é que haviam sido comprados por particulares e a custa delles, segundo permitta a liberdade de commercio; recordava haverem-se tomado medidas repressivas contra os acontecimentos capazes de comprometter a responsabilidade governamental; declarava finalmente que como não podia ser indifferente ao governo das Provincias Unidas o estado em que se achava a Banda Oriental, por lhes afectar profundamente a tranquillidade e sendo por isso urgente o estabelecimento das futuras relações da Republica com o Imperio, havia ella deliberado enviar ao Rio de Janeiro uma missão especial, que provasse ao mesmo tempo á côrte do Brasil as amistosas disposições do governo nacional. Terminava por declarar que cessavam pois todas e quaesquer explicações de character diplomatico com o vice-almirante.

Dias depois, em 11 de julho, Rodrigo Lobo accusava o recebimento daquella comunicação, assegurando que não devia tomar-se como attitude hostil o o haver-se apresentado na capital argentina com parte da força naval do seu commando; e que, interessado o Imperio no conservar as relações amistosas, só trataria de impedir a exportação de provisões para os rebeldes, e a incursão de piratas, já que infructiferas eram as medidas tomadas pelo governo da Republica.

O chefe militar satisfeito com a promessa feita,

de mandar o governo argentino uma missão especial ao Rio de Janeiro para resolver as reclamações (missão que a marcha precipitada dos acontecimentos não permittiu que se realizasse), deu por finda a sua tarefa.

E' de admirar que a chancellaria brasileira, então gerida por Carvalho e Mello, emulo de Garcia em sagacidade e competencia, tivesse commettido a falta de enviar á páis estrangeiro, cujas relações já se achavam visivelmente tensas, um representante sem se achar investido regularmente das funções diplomaticas.

O resultado não foi decoroso para a dignidade brasileira. Se propositadamente se deixou de cumprir aquella formalidade juridica, para dar á missão Lobo, o character de demonstração naval, deve convir-se que em meio do successo, lhe faltou a necessaria energia, e a demonstração perdeu todo o effeito, burlando-se-lhe o intuito. Demais, não deixou de concorrer para o desprestigio da inutil e caricata demonstração bellica, as insistentes, irritantes e atrevidas manifestações de desagrado irrogadas pelo populacho de Buenos Aires, á guarnição brasileira.

Seus officiaes não podiam baixar a terra, mesmo trajando a paisana, sem quo fossem alvo de assuadas. Os marinheiros eram subornados e induzidos á deserção. A caro preço eram conseguidos os abastecimentos, porque o commercio se negava a servir a esquadra, ainda mesmo que pagasse alto custo.

Retirando-se o vice-almirante Lobo, nas condições expostas, que não podemos deixar de reconhecer desairosas, deixou um de seus officiaes, o capitão tenente Antonio José Falcão da Frota, como consul e agente politico do Brasil, em substituição a Pereira Sodré, cuja insustentavel situação forçara-o a abandonar o cargo.

Falcão da Frota foi oficialmente recebido em character diplomatico, no dia 21 de julho de 1825; mas não pôde nem melhorar a ordem de cousas, nem prestigiar a sua posição, continuando a receber doestos dos exaltados, ainda que o governo e a opi-

nião moderada do páis reprovassem tamanhas demasias e provocações.

Não tardou que se queixasse tanto ao seu governo como ao argentino dos ultrajes populares de que era victima, e em agosto reclamou formalmente perante o ministro Garcia contra o irritante acto do armamento em Buenos Aires dos corsarios *San Martin*, *Guilherme* e *Lavalleja*. O ministro assegurou-lhe que o governo providenciaria, tanto assim que foram dadas ordens para que não saíssem sem que previamente satisfizessem as condições regulares da navegação mercante. Mas os corsarios não obedeceram, e navios brasileiros mercantes e mesmo de guerra foram atacados. O ministro argentino sinceramente procurava reprimir esta originalissima guerra em tempo de paz, coibindo o corso; mas a conspiração popular contra os *macacos*, podia mais que a vontade do estadista...



## CAPITULO VI

A revolução, sem ter encontrado nenhum obstaculo, campeava infrene por toda a Banda Oriental. Em 27 de maio Lavalleja havia dirigido uma proclamação em que se expunha a conveniencia da convocação de um governo provisorio, que deveria reunir-se a 12 de junho em Florida. Effectivamente este governo conseguiu installar-se sem ter encontrado o minimo obstaculo; e ao ser inaugurado, declarou o aclamado capitão-general perante os representantes de Maldonado, Colonia, Canelones, São José, Durazno e Soriano, que o exercito revolucionario ascendia a cerca de 3000 homens, segundo se deduz do que assim escreveu na respectiva mensagem: um corpo de 1000 homens na Barra de Santa-Lucia, sob suas ordens immediatas; outro de igual cifra em Durazno sob o commando de Rivera; 300 sobre as alturas de Montevidéo, ao arbitrio de Manuel Oribe; outra força de igual numero, nas alturas da Colonia, as ordens de Queirós, e alguns destacamentos pelas linhas do Uruguai e do Rio Negro, alem de outro ao mando de Inacio Oribe, em observação no Serro Largo e ainda um outro commandado pelo tenente-coronel Pablo Perez sobre o Cebollati.

Verificava-se, portanto, que toda a fronteira estava mais au menos guardada por contingentes bem armados, acrescentava a mensagem. Não deixava de consignar ella, explicitamente, a harmonia existente entre a causa oriental e Buenos Aires.

A 20 de agosto, em virtude de eleição de deputados, reunia-se tambem em Florida a Assembléa Nacional, que em sessão de 22 elegeu Lavalleja *Governador e Capitão General* da provincia, e a 25 declarou a laboriosa assembléa a independencia da provincia e «irritos, nullos e de nenhum valor os

actos de incorporação, reconhecimento e juramentos extorquidos aos povos pela violencia da força unida a perfidia dos intrusos poderes de Portugal e do Brasil»; acto continuo decretou a sua incorporação ás Provincias Unidas do Rio da Prata, ou Provincias argentinas. (1)

O veemente desejo de comprometter a Argentina numa guerra externa commum, cujo proveito jamais seria desta, mas dos orientaes que a queriam envolver nessa aventura, dictou o acto da nomeação dos deputados Gomensoro e Vidal y Medina, como enviados ao Congresso de Buenos Aires para ultimarem a incorporação.

Difficilima era a situação o governo do general Las Heras, acusado pelo Brasil de connivente com a insurreição uruguaia, e acusado pela opinião desvairada da sua terra de irresoluto e surdo aos desejos de immediata guerra contra aquelle país.

Esta indecisão de Las Heras, encorajada por d. Manuel José Garcia, que se não enganara nunca com os designios de Lavalleja e Rivera, inimigos da Argentina, que só queriam pô-la ao manejo das suas ambições, irritava os chefes do movimento revolucionario. O meio mais idoneo para terminar com ella era offerecer a Argentina a perspectiva de seu engrandecimento territorial por meio dessa incorporação.

A luta que ia travada entre orientaes e brasileiros não deixava treguas.

Prevendo o integro presidente de Rio Grande do Sul, o visconde de S. Leopoldo, o desacerto da iniciativa tomada pelo marechal Abreu, officiou ao ministro da guerra, o obcecado conde de Lages, (2)

(1) Na narração destes successos ha profunda divergencia entre os mais modernos historiadores uruguayos, Berra, Arreguine e Bollo. Pareceu-nos bem orientada a exposição do coronel argentino Baldrich, porque escreveu a sua *Historia de la Guerra del Brasil*, se não com imparcialidade, ao menos com grande copia de investigações.

(2) João Vieira de Carvalho, brigadeiro de engenheiros. Era portuguez de nascimento, mas veterano das passadas guerras do sul, onde militara sob as ordens de D. Diogo de Sousa e do marechal Curado.

rogando-lhe «enfresse o general commandante das armas na desassizada carreira que levava.» (1) O ministro respondeu-lhe que «o governador das armas dessa provincia, entrando na Cisplatina, obrara conforme a urgencia das circumstancias e as intenções do Imperador. (2)»

Então «abandonado a si proprio», conforme se confessa o visconde nas suas *Memorias*, fez marchar para a fronteira a pequena guarnição que lhe restava, e era o regimento 25 de guaranis, do commando do tenente coronel José Luis Menna Barreto, joven e denodado rio-grandense, contando apenas 27 annos de idade. Chegado á fronteira, o general Abreu chamou-o para junto de si, ordenando-lhe fizesse junção com o regimento 24, tambem de guaranis, commandado pelo tenente coronel Jeronimo Gomes Jardim, que estava pelas alturas do Ibicuí. Fatalissima foi esta medida, tomada sem haver sido completada por outras, como a de constituirem os dous corpos uma brigada cujo commandante ou deveria ser o mais antigo dos dous tenentes-coroneis ou um estranho do gradução superior. Isto, porem, não se fez e deu lugar aos dous commandantes não saberem entender-se com a devida cordialidade, e a manifestar-se entre ambos funesta rivalidade e discordia, que veiu a acarretar a ruina delles e um vergonhoso desbarato em total descredito para o brio militar do Brasil.

Em fins de Agosto, Rivera achava-se com a sua divisão não longe de Durazno, no campo de Molles; mas ao ter informações de que Abreu se adiantara até Mercedes, expedicionou com 600 homens e acampou junto ao arroio Beguelo, que é galho do Rio Negro, a esperar qualquer descuidode Abreu, que lhe permittisse algum golpe de mão, o que não logrou, e até mesmo de todas as vezes que tentou investir foi repulsado nos recontros dos dias 22, 23, 27 e 29

(2) *Memorias*, publicadas no tomo 37 da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.*

(1) *Ibidem.*

de agosto e 2 de setembro, em que soffreu muitas baixas.

Abreu, cheio de emulações, anciava por uma acção decisiva em que lhe reverdessem os louros da guerra passada. Sabendo que Rivera havia levantado acampamento, talvez com o fim de se incorporar a Lavalleja que sustentava infructifero assedio contra a Colonia do Sacramento, deliberou impedir aquella reunião e ao mesmo tempo derrotar o terrivel adversario. Bento Manuel Ribeiro foi o cabo incumbido dessa diligencia, visto como lhe não faltava valentia nem resolução para se medir com Rivera. A 2 de setembro Abreu tambem levantou acampamento, e começou a manobrar com toda a tropa, de modo que pudesse illudir a guarda avancada inimiga, sob as ordens do capitão Filipe Caballero, destacado a observar os movimentos de Abreu. Dirigida, porém, com habilidade aquella manobra, permitiu que Bento Manuel, a frente de 800 homens de cavallo se destacasse durante a noute sem que fosse apresentado por Caballero, que desse modo não pôde dar pronto aviso a Rivera, acampado á margem do arroio Aguila, braço do S. Salvador (4 de setembro). Ao avistar a columna brasileira que investia galhardamente, Rivera formou a sua e avançou tambem intrepidamente ao encontro dos atacantes, engajando-se logo violento tiroteio.

Dispuseram-se os orientaes a um ataque geral, e depois de desfecharem uma unisona descarga de fuzilaria, carregaram de espada em punho. Os brasileiros mantiveram firmemente a linha, repulsaram os orientaes e os forçaram a dar volta, acutilando-os e perseguindo-os. Os fugitivos deixaram 64 mortos, entre os quaes o major Mansilla e varios prisioneiros.

Bento Manuel ainda recebeu de Abreu um reforço de 100 cavallarianos, e com o numeroso effectivo de 900 deu entrada em Montevideo, onde foi acolhido victoriosamente, com emocionantes aclamações.

A noticia deste feito alarmou Lavalleja, deter-

minando-o levantasse o sitio da praça da Colonia e se recolhesse ao quartel general em Florida. (1)

Escreve o autorizadissimo Rio Branco que esta serie de victoriosos successos, uns após outros, Mercedes, Aguila e Colonia, deram grande alento aos brasileiros, e serena esperança de uma completa submissão dos insurrectos dentro em pouco tempo. (2)

Lavalleja effectivamente estava cercado, e cuidou de reunir as suas forças em posição escolhida. Corria risco de ser envolvido. Na Colonia e em Montevideo dominavam os brasileiros com tropas regulares; na linha do Rio Negro achavam-se as forças dos generaes Abreu e Sebastião Barreto; na fronteira do Rio Grande do Sul, guardando-a, o marechal Bento Corrêa da Camara; no Prata e no Uruguai, dominando as aguas de ambos, as divisões navaes de Rodrigo Lobo e de Senna Pereira. (3)

O general Lecór teve então verdadeira intuição do estado geral das cousas; tomou iniciativas, delineou plano efficaz; em summa safu da sua deploravel inacção. Recommendou incessantemente ao governo imperial que sem perda de tempo organizasse um exercito no Rio Grande do Sul, composto exclusivamente de rio-grandenses, unico elemento brasileiro idoneo para enfrentar os revoltosos orientaes, o qual invadindo a Banda Oriental, deveria operar com as outras forças que lá se achavam, e assim não só metteriam os insurgentes num circulo de ferro como lhes cortariam todas as communicações. Ponderava o velho soldado que fora esse o sistema seguido na guerra de 1817, contra Artigas, vencido, e o país submettido, quasi que exclusivamente por effeito da acção dos soldados que invadiram pelo Rio Grande o Estado Oriental, gloria que se não devia estender á legião portuguesa, ainda que sufficientemente aguerrida e disciplinada. Reflectindo-se, porem, sobre os recursos agora a sua disposição, é

(1) Paranhos, *Biographia do general José de Abreu*, no tomo 31 da *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.*

(2) *Ib.*

(3) *Ib.*

digna de censura a inercia de Lecór, que não devia exigir caísse quasi que exclusivamente sobre o Rio Grande do Sul, o pesadissimo tributo da guerra, concorrendo com contingentes superiores ás suas forças, sem se lembrar de que as campanhas precedentes o tinha exgotado e dizimado. O proprio general era o primeiro a reconhecer que o exterminio de Artigas e do caudilhismo se devera aos filhos do Rio Grande. Em sete annos não se podia ter refeito de população: estava exausto. Em poucos menses, da sua escassa população de 150.000 habitantes já havia concorrido com quasi 2000 pessoas armadas, sem contar com os corpos milicianos que se levantavam para guarnecer-lhe as fronteiras.

Propriamente, Lecór achava-se em estado de assumir a offensiva, porque não era provavel que Lavalleja dada a hipotese de o virem atacar as guarnições de Montevideo e da Colonia, se aventurasse a invadir o Rio Grande, afastando-se da sua natural base de operações, e internando-se em territorio absolutamente hostil.

Logo que se verificaram as principaes alterações na Provincia Oriental, Lecór convocou em conselho militar todos os officiaes superiores que serviam debaixo da sua autoridade, e consultou-os se se deveria tomar desde logo a offensiva, ou conservar a defensiva até que chegassem reforços do Rio de Janeiro, solicitados urgentemente. Contavam-se na guarnição de Montevideo tres batalhões completamente desfalcados, numerando cada qual no maximo 300 homens de pé; eram: o 7.º de caçadores sob o commando do coronel José Joaquim da Rocha; o 8.º tambem de caçadores tendo por seu commandante o tenente-coronel João Cordeiro de Sousa e o 5.º de artilharia commandado pelo coronel Vicente Antonio Buys; tres regimentos de cavallaria,—o 4.º obedecendo ao commando do tenente coronel Miguel Pereira de Araujo; o 5.º com o seu tenente-coronel Felipe Nery da Silva, perfazendo ambos umas 500 praças; e o 6.º commandado pelo coronel Thomás José da Silva, extraordinariamente reduzido; porque,

composto de filhos do país, no principio da revolução aquartelava no interior, da provincia e a deserção de quasi todo o pessoal, lhe desnudara as fileiras. (1) Havia mais um esquadrão de 150 milicianos de S. Paulo e algumas companhias de guerrilhas. Difficilmente se poderiam preencher as vacaturas existentes nos quadros da força permanente, e mais ainda o elevarem-se a maior numero os combatentes.

Ninguem queria pertencer á infantaria, arma por que nem os gauchos nem os rio-grandenses tinham a menor inclinação: uns e outros não podiam dar 50 ou 100 passos se não á cavallo. (2) Pela cavallaria é que eram as sympathias. Quasi exclusivamente de portuguezes adoptivos, de alguns espanhóes velhos e de poucos naturaes do Brasil — libertos paulistanos ou catarinenses, se compunha a infantaria. Desde que o levante militar promovido por D. Alvaro da Costa fizera rarear profundamente o estado completo da tropa de Lecor, não se tratara de a reorganizar. Geral em todo o Brasil, era o desleixo da administração militar, cada vez mais compromettida. O exercito que em 1823 contava 18000 praças de linha, baixara a 9000 em 1825; em dous annos sofrera, por doenças, morte, deserções e isenções do serviço a diminuição da metade, o que prova soffrivelmente quão esteril e incapaz era a gestão da pasta entregue ao brigadeiro João Vieira de Carvalho, conde de Lages. A insurreição dos orientaes veiu dar grande pabulo ao aumento das deserções, sobretudo nos corpos de cavallaria: o 7.º regimento sob o commando de Fructuoso Rivera, como se sabe, todo elle se bandeou para o inimigo.

No Rio, apenas recebidas foram as requisições de Lecór, tambem houve uma convocação das altas patentes militares, generaes encanecidos ou nas anteriores guerras do sul ou nas campanhas napoleonicas, e foi resolvido, ainda que tardiamente, dar á

(1) O effectivo destas tropas encontra-se na citada obra *Beiträge sur Geschichte des Krieges* p. 143.

(2) *Beiträge sur Geschichte des Krieges*, p. 137.

Cisplatina uma administração identica a das demais provincias, e se dividir a autoridade de Lecór, deixando-o só com a administração militar, e a civil entregue ao tenente-general Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho.

Nada adiantava, porque o novo presidente alem de militar, tambem commandava forças: trazia mesmo a nomeação de 2º commandante das tropas da provincia. Era, então, presidente ou 2º commandante?

Magessi tinha boa reputação guerreira, e mais ainda a de ser um intrigante, conceitua rudemente o anonimo autor das *Beiträge zur Geschichte des Krieges Zwischen Brasilien und Buenos Aires*. Instantemente solicitada a remessa de tropas, o governo brasileiro confiou-as ao commando desse general, e fez partir na esquadra do vice-almirante Lobo, cuja desairosa missão já foi relatada, os seguintes corpos: o batalhão da Guarda, dito do Imperador, sob o commando do tenente-coronel, depois tenente general, barão de Surui, Manuel da Fonseca Lima e Silva; o 1.º batalhão de granadeiros, commandado pelo tenente-coronel Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois visconde da Praia-Grande e tenente-general; e um esquadrão do 2º regimento de cavallaria de Minas, com o seu major Rafael Fortunato da Silva Brandão. Estavam os batalhões com o seu effectivo completo, por assim dizer. Numerava o do Imperador 677 homens, o de granadeiros 521 e o esquadrão 85 praças. Contava, pois, toda a expedição 1283 homens, inclusive uma luzida officialidade.

A guarnição da Colonia, que obedecia as ordens do distincto brigadeiro Manoel Jorge Rodrigues, mais tarde barão de Taquari, um dos mais illustres cabos de guerra brasileiros, contava na infantaria o 9.º batalhão de caçadores, de que era commandante o brigadeiro graduado Duarte Guilherme Corrêa de Mello, numerando 223 homens; o 10º e o 11º batalhões tambem de caçadores, aquelle com o seu commandante o coronel Antonio Pinto de Araujo Corrêa, sommava 385 praças, e este com o seu tenente-coronel Jacinto Pinto de Araujo Corrêa se compu-

nha de 350 infantes. Tão reduzidas achavam-se as fileiras do 7º de artilharia, que os fortes da Colonia do Sacramento e as baterias de Martin Garcia e da ilha de Gorrite, estavam sendo guarnecidos por destacamentos dos batalhões de infantaria. Os defensores da praça da Colonia não excediam a 1100.

E o general Lecór a querer que o Rio Grande do Sul se expresse, e lhe dêsse soldados o seu despojado territorio, porque ainda achava insufficiente o numero que tinha ás suas ordens em Montevidéo! Mesmo assim, como é de costume, o Rio Grande concorreu á larga partilha de sacrificios, que nas guerras platinas tanto lhe tem pesado. Nos seus gigantes hombros, jamais deixou de suportar elle a enorme carga dos desvarios politicos e administrativos do governo do Rio de Janeiro.

## CAPITULO VII

Os máos auspicios que durante toda essa guerra insistentemente a acompanharam, não permittiram que Lecór pusesse em execução nenhuma medida proficua.

A actividade de Lavalleja e dos seus companheiros de jornada era tocante contraste á cautela, quasi timidez, do chefe brasileiro. O lustroso reforço recém-chegado do Rio de Janeiro, em pleno inverno, certamente estava de acordo com o velho chefe, porque era preferivel o conchego do lar montevideano ás rudes intemperies hibernas da campanha erma.

Lavalleja, entretanto, não perdia tempo algum; não esperdiçava um só dia. A expedição de Bento Manuel a Montevidéo, deixou o marechal Abreu com as fileiras tão rarefeitas, que o astuto inimigo não quiz perder o ensejo de tirar o partido que a occorrença lhe proporcionava. Tratou, com muita perspicacia o quartel-general oriental de uma incursão que satisfizesse completamente o objectivo; eis que um ousado golpe deveria ser fatal aos brasileiros, sob todos os pontos de vistas. Rivera tomou a testa de uma columna ligeira, reforçou-a com a que operava sob o mando de André Latorre, e investiu sobre a linha de Mercedes, levando o seguinte plano: acommetter o Rincão de Haedo, arrebatá-lo de um golpe toda a cavallhada existente lá, e depois atacar o general Abreu, privado então da cavallhada.

O rincão de Haedo, ou das Gallinhas, antes da

invasão portugueza pertencia a familia Haedo, uma das mais ricas do país, que aí tinha a sua estancia. (1) O Uruguai pelo norte e oeste, o Rio Negro a leste e ao sul: o Rio-Negro tendo corrido de leste para oeste até uma legua do Uruguai, dirige-se bruscamente para o sul, e descrevendo uma curva, despeja as suas aguas no Uruguai; resulta destas sinuosidades uma linda península de cerca de 18 leguas quadradas, que pôde ficar isolado pois que o istmo que a liga ao territorio maior não chega a ter uma legua de largo. Os portuguezes descobrindo que o Rincão das Galinhas era a chave da provincia de Entre-Rios, occuparam-no militarmente, fazendo aquartelar nelle varias tropas.

A lingua de terra, que põe em comunicação os campos do Rincão do Haedo ou das Gallinhas com a campanha geral, outrora havia sido, em toda a sua extensão de uma legua, convenientemente artilhada e defendida por ligeiros trabalhos de fortificação passageira, o que, no juizo do illustre St. Hilaire, bastava para abrigar a península de um inimigo que não fazia nada se não a cavallo, e cuja artilharia não prestava.

A idéa, porem, de fortificar a entrada do Rincão emanava de generaes precavidos e experimentados, como um Joaquim Xavier Curado, um D. Diogo, ou

(1) Durante as guerras de Artigas a opulenta familia Haedo se viu obrigada a abandonar as propriedades, sem que pudesse rehavê-las emquanto não volvera a paz. Entre outras, pertencia-lhes o Rincão das Gallinhas, onde os Haedos possuíam quarenta mil cabeças de gado. Pacificada a provincia, todavia não voltaram ao seu estabelecimento do Rincão, e tiveram de se contentar com a sua estancia do Bellaco, onde St. Hilaire os encontrou em 1821. O governo de Lecor negou-lhes a posse, embora lhes reconhecesse o dominio, passando o Rincão a ser proprio nacional, em razão da sua vantajosa posição militar. Os Haedos empregaram os maiores esforços junto áquelle general para que, reconhecidos os seus direitos, o governo portuguez ao menos lhes indemnizasse o justo valor das suas terras, pelas quaes outrora haviam rejeitado 120 000 pesos. Lecór inicuamente desatendeu-os. (St. Hilaire, *Voyage* cit. p. 254.)

um Saldanha. Lecór se não occupava disso, imbuído de ingenuidades a respeito do seu paternal governo. Em 1825 a remonta do exercito brasileiro da occupação, passante de seis mil cabeças, lá se achava, guardada por insignificante escolta. As obras de fortificação já não existiam.

Fructuoso Rivera após a referta que lhe infligira o coronel Bento Manuel Ribeiro, reuniu a sua legião, reorganizou-a e planejou a afronta contra a pequena guarda do Rincão, para o que se pôs em marcha levando trezentos e tantos homens a cavallo, escolhidos dentre os mais ardegos. Na noute de 22 de setembro atravessou o Rio Negro, pelo passo do Vera e quando apenas ia clareando a madrugada 23, insinuava-se silencioso pela boca do Rincão, avançando velozmente sem ser presentido, sobre a guarnição, que foi atacada, emquanto que o coronel André Latorre distraía a atenção do marechal Abreu, com algumas guerrilhas sem importancia. A guarda, apanhada por surpresa, mal teve tempo de, em desordenada fuga, correr até a ribanceira do Uruguai, onde se homisiou a bordo da esquadilha brasileira, deixando 1 morto e 2 feridos.

Corridos os brasileiros, ficou o Rincão livre e desembaraçado a Rivera, que impunemente se assenhoreou do que quiz e havia nelle. Semelhante entrepreza era, pela audacia e rapidez da execução, bem digna de um verdadeiro caudilho gaúcho. Outra melhor lhe reservava a sorte.

Satisfeito regressava com a rica preza, que deixava a divisão de Abreu privada do seu principal elemento, quando o seu capitão Servando Gomes, deixado de observação á entrada da portela da península, lhe veio anunciar que se aproximava uma columna brasileira. Que Rivera houvesse marchado do campo do Perdido, sómente com o fito de se assenhorear das cavalladas, e não com o de assaltar aquella columna, não consente duvida. Se Rivera tivesse vindo no conhecimento de que dous regimentos inimigos marchavam a incorporar-se aos que occupavam as posições de Mercedes, o astuto caudilho não se arriscaria a embargar-lhes o passo, com for-

ças muito menos numerosas, do que só lhe poderia resultar algum desastre. Rivera é que é surpreendido com esse encontro. Cobra animo o ousado guerrilheiro, e a menos de legua do Rio Negra escolhe posição, estabelecendo emboscadas á cavallo, quasi á beira da estrada.

O tenente-coronel Gomes Jardim «desharmonizado a tal ponto com Menna Barreto que não puderam mais entender-se e servir juntos», (1) não tinha a menor preocupação com a segurança de sua tropa, ignorando o progredimento da conflagração e suppondo que longe andasse o inimigo. Não tinha serviços avançados nem flanqueadores, elementar precaução em todas as marchas em territorio occupado por inimigo; marchava em completo desalinho, os cavallos fatigados; uma grande distancia, maior de mil passos, separava-o do seu infortunado companheiro d'armas, que tambem insciente do perigo a que se expunha, trazia o seu regimento, o 25, sob a mesma negligencia e que torna passivel de severa censura qualquer cabo de guerra.

Uma pequena guerrilha oriental caiu em cheio sobre a 24, causando inopinado panico aos brasileiros, que não contavam com hostilidade alguma nessas alturas. Estabelecida grande confusão, maior foi ella e geral o espanto quando, acto continuo, veiu de roldão o grosso da gente de Rivera. Rudemente acutilado e posto em desordem, o regimento não pôde entrar em linha, e uns quarenta soldados que pretenderam desafrontar-se, nada puderam fazer contra a furia da aggressão. Sem perda de tempo foi acommettido por violenta carga de arma branca o 25, que como o 24 vinha completamente desprevenido, em ordem dispersa; de sorte que simultaneamente investido, sem ter tido tempo de se metter em forma, soffreu igual debandada e confusão.

Em balde o valente tenente-coronel Menna Barreto, tendo conseguido formar em torno de si um respeitavel troço de combatentes e resistir com denodo,

pronto foi exterminado. O moço commandante não quis render-se, e com o sangue valorizou o seu nome, tombo morto, victimado por dez ferimentos de lança e espada (24 de setembro de 1825).

No campo do recontro ficaram mais de 130 brasileiros mortos, alem de muitos mortalmente feridos e uma quantidade de prisioneiros. Os que lograram escapar com o tenente-coronel Jardim, foram dar á Colonia do Sacramento, depois de terem corrido toda a sorte de perigos e inenarraveis privações, tendo chegado ao extremo de nem poderem parar para se alimentarem.

Tem sido erroneamente calculado o effectivo dessa força brasileira, discordando tanto os escritores patrios como os estrangeiros. Nos livros publicados no Rio da Prata é corrente que a columna brasileira numerava 700 homens; as publicações nacionaes variam; ha algumas que apontam a media regimental de 200 praças, outras 250. De sorte que a expedição brasileira atingiria a 500 homens, no maximo.

Conseguimos alfim estabelecer uma media razoavel. A qualquer das duas versões contrapoem-se as relações de mostra do regimento 25, existentes no arquivo da Delegacia Fiscal do Rio Grande do Sul, onde pudemos examiná-las. O 25 marchou de Porto Alegre com quasi 400 praças (1). Se se levar em conta o adentramento da estação hibernosa, quando este corpo encetou a marcha, o que lhe haveria de motivar muitas baixas por doença e ainda as deserções, pôde-se assegurar que o 25 não deparou com Rivera senão numerando 300 homens. Aplicando as mesmas bem fundadas conjecturas ao effectivo do 24, conclue-se que a columna derrotada se compunha de

(1) 16 de maio de 1825, (Secretaria do governo do Estado do Rio Grande do Sul. Officio do Presidente ao Gov.<sup>or</sup> das Armas).

(1) V. de S. Leopoldo, *Memorias*, Rev. do Inst. Hist. cit. vol.

600 homens (1). Que ambos os corpos se achavam desfalcados, argumentamos com os proprios escritores platinos, que exagerando a composição numerica das falrn-ges brasileiras, naturalmente pela falta de documentos dignos de fé, ou de dados autenticos (o que tambem ordinariamente nos falta), confereriam o total de 800 homens, á razão de 400 por corpo: isso porém não se lê em nenhum delles.

Com esta opprobriosa jornada inaugurou-se a serie de desastres e revéses tragados pelo Brasil nessa desafortunada guerra, que «são ainda hoje labéos que atiram á face do Brasil argentinos e orientaes», escreve o exaltado Luiz F. da Veiga (2).

O general Lavalleja, ufano e envidado com o exito das armas revolucionarias, teve a pretensão ou a ingenuidade de crêr que uma epistola da sua lavra fosse o bastante para que Lecór lhe abandonasse o país, para servir de mediador da revolução junto ao governo do Rio de Janeiro. Nesse documento datado da Barra do Pintado, mais uma vez se rememorava a injustiça da occupação que obrigara 3500 bravos a empunharem armas sob o clamor da liberdade e independencia do país. Exortava Lecór que «tributasse uma nobre homenagem á razão e ás luzes do seculo, fazendo ao vosso soberano, o Imperador do Brasil, manifestação exacta e imparcial do estado politico desta Provincia Oriental, da sua resolução unanime e

(1) A ultima relação de mostra do 25 de cavallaria da 2ª linha, ou regimento de guaranis, é de abril de 1825, e traz o seguinte effectivo: 1º *esquadrão*, 1ª companhia: 1 tenente-coronel, 1 sargento-mór, 1 ajudante, 1 ajudante agregado, 1 secretario, 1 sargento ajudante, 1 sargento quartel-mestre, 1 capitão e 60 praças inclusive os inferiores; 5ª companhia: 1 capitão, 1 dito agregado, 1 alferes e 50 praças; 2º *esquadrão*, 2ª companhia: 1 alferes e 50 praças; 6ª companhia: 1 capitão, 1 tenente, 1 alferes e 50 praças; 3º *esquadrão*, 3ª companhia: 1 alferes e 48 praças; 7ª companhia, 1 capitão, 1 tenente, 1 alferes e 45 praças; 4º *esquadrão*, 4ª companhia. 1 official e 47 praças; 8ª companhia: 46 praças. Total 396 pessoas. No total das praças incluem-se sargentos, furrieis, cabos e trombetas.

(2) *O Primeiro Reinado* estudado a luz da sciencia, p. 315,

decidida de recuperar a sua existencia social a todo o custo». Confessava o apoio das Provincias Unidas, rogava ao general Lecór, aconselhasse «S. M. I. retirar deste territorio as tropas da sua dependencia» para se iniciarem relações de paz e amizade, poupando ao mesmo tempo o precioso sangue que haveria de correr «e causar afflicção a innocentes familias, cuja responsabilidade pesará exclusivamente sobre V. Ex. no caso inesperado de desatender um passo que aconselham a prudencia, a justiça e a humanidade» e terminava pedindo a honra de uma contestação «para medir por ella a linha de minha conducta e operação».

Lecór, habil e conhecedor da filauca dos seus antagonistas, reparando que o officio continha no endereço a declaração de ter sido enviado pelo *Governador e Capitão General da Provincia Oriental*, abriu-o geitosamente, extrañu copia destinada ao governo imperial, fechou-o novamente e devolveu-o pelo portador, com o seguinte recado: «que não reconhecendo outro Capitão General que não fosse feito por Sua Magestade Imperial, não o podia aceitar» (1).

Em Montevidéo sabia-se que Lavalleja a testa de 1600 ou 1800 homens achava-se em Santa Lucia Chica. O garboso heróe do Aguila, Bento Manuel Ribeiro, ainda não vencido por nenhum caudilho platino, desde as guerras de Artigas, e por sea turno guerrilheiro e caudilho emerito, offereceu-se a bater o capitão-general dos orientaes no seu proprio campo. Entrementes o tenente-general Magessi ponderou que sendo elle Magessi o official mais graduado do exercitô, depois de Lecór, lhe competia o commando da expedição que se houvesse de destacar contra o inimigo. Fez vêr tambem que a columna expedicionaria não deveria constar exclusivamente de cavallaria, sendo indispensavel alguma tropa de pé. Lecór vacillou, não decidiu logo; todavia optou por Bento Manuel. Esse erro fatalissimo deu logar a que se fizessem muitas recriminações a Lecór, que devia prevêr a concentração de todas as forças inimigas, que La-

(1) Fernando Osorio, *Historia do General Osorio*, p. 144.



valleja haveria de operar logo que soubesse seria atacado. Sabido era que o chefe da revolução oriental, desaprovava o sistema das surpresas e das emboscadas, e evitava a guerra de recursos. Preferia a batalha campal; era pois de prevêr que em tal hipótese o que cumpria era oppôr-lhe forças mais numerosas ainda.

Ao tenente-coronel Bento Gonçalves da Silva, que assumira o commando do 39 de milicias, recém organizado em Serro Largo, mediante esforços do commandante da fronteira do Rio Grande, o activo marechal Bento Corrêa da Camara, mandou-se-lhe ordem de incorporar-se a columna de Bento Manuel. Em Montevideo recompôs este cabo de guerra a sua divisão, pelo modo seguinte: a tropa com que viera de Mercedes—900 homens, um esquadrão de guerrilhas, um outro de 80 lanceiros guaranis e um destacamento de infantaria, armado e equipado como se fosse cavallaria. Perfazia ao todo o effectivo de 1130 homens, todos de cavallo. Nos primeiros dias de outubro, saiu de Montevideo a juntar-se com o regimento de Bento Gonçalves. Na altura das Pontas dos Limares fez-se a incorporação.

Lavalleja, cujo desatencioso recado de Lecór incitara-o a redobrar a faina, decidindo-o a alcançar o seu difficil objectivo só por meio das armas, não se descuidava de exercer uma vigilancia sobre todos os movimentos do inimigo. Teve logo aviso, pelos irmãos Oribes, da projectada operação dos brasileiros.

O leal inimigo do Brasil (e tinha razão para o ser) não deixava de ser um caudilho de indole e tendencias completamente differentes das de Rivera. Era sobretudo honrado, e as suas acções denotavam não a emboscada, mas o ataque a peito descoberto; não a guerrilha, a surpresa e a fuga quando o bote foi errado, mas o combate campal, de linha estendida á vista da do inimigo. Cheio de ardor e convicções arraigadas, a causa da independência da sua patria, elle a punha acima de todas as conveniencias pessoaes, de todas as paixões e de todas emulações, o que não fazia Rivera. Como não

tivesse fé nos resultados, porque são passageiros, dos ataques parciaes communs á guerra de recursos, exultou por se lhe offerecer oportunidade para um combate geral. Foi assim que levantou acampamento e escolheu posição na *Horqueta do Sarandi*, cochilha onde fez Manuel Oribe e Rivera concentrarem as suas tropas, deixando á espalda o arroio do Castro: tinha sob as suas ordens 2.400 homens. (1) Descoberta a posição inimiga no dia 10, Bento Manuel para lá avançou com os seus 1.500 homens; esperava o caudilho brasileiro que o inimigo não lhe fizesse frente de modo que lhe foi uma contrariedade quando no dia 11 vieram informar-lhe que Lavalleja operava rapidamente uma concentração de todas as suas forças e que o aguardaria com superior numero de tropas.

Não querendo, porem, desistir do seu proposito, avançou e estanciou na noite de 11, para ir amanhecer a 12, em frente da verde cochilha do Sarandi. Chegados, porem, ás proximidades da linha inimiga, conheceram os commandantes brasileiros quão arriscado seria o ataque, e quão incerto o resultado delle. Bento Manuel, conforme declara elle proprio em sua parte official do combate—«acostumado a vencer outros maiores numeros, e ambicioso de solemnizar aquelle dia com salvas e vivas a S. M. I.», (2) replicou aos tenentes-coroneis Bonifacio Calderon e Bento Gonçalves, que lhe sugeriram o alvitre de uma retirada em tempo, não convir logo esse movimento por achar-se em campo raso, e em presença do inimigo mais que duplicado em numero, pois que a retirada se converteria em derrota. (3) Também

(1) S. Bollo, *Hist. etc.* p. 542; Berra, *Bosquejo Hist.* p. 309; Arreguine, *Hist. del Uruguay*, p. 338. Todavia estes distinctos historiografos desacertam quando afirmam a invasão do territorio convulsionado operada por Bento Gonçalves á frente de 1000 homens. Este militar era apenas tenente-coronel, e portanto não podia exercer o commando de tão numerosa força, mas o de um regimento, que, como já se disse, era o 39, organizado em Serro Largo e numerava 354 praças.

(2) Era dia do anniversario natalicio de D. Pedro I.

(3) *Hist. do General Osorio*, p. 147.

houve quem lhe lembrasse que era melhor aguardar a noute e então, quando ella fosse alta, levar um assalto sobre o acampamento inimigo.

Não obstante a educação militar de Bento Manuel haver decorrido na escola do general Curado e de outros cabos illustres, todavia para elle o melhor genero de guerra, o unico, era aquelle em que o principal e capital artigo é o cavallo. Só assim eram possiveis essas repentinas e violentas incursões de cavallaria, cujo exito só depende da remettida ter sido feita no momento opportuno. Bento Manuel não mediu as consequencias; era muito orgulhoso para que pudesse sequer imaginar que Lavalleja ou Rivera fossem capazes de o vencer. Pela mente do feliz triunfador de Calera de Barquin, Perucho Berna e Aguila não podia perpassar a idéa de que Lavalleja tambem anciava por se medir com elle, deseioso de lhe offuscar a brilhante estrella, fortalecido pela fé inabalavel na causa que defendia e na indomita bravura dos seus gaúchos. «Num e noutro campo, em summa, havia mais coração que cabeça», sentencia com felicidade eloquente escritor argentino.

Lavalleja, que, como o antagonista, o que queria era *pelear*, observando que á vista sua, os brasileiros mudavam cavallos, tambem fez o mesmo, sem comtudo deixar de ocupar serenamente a sua posição no cimo da bella cochilha do Sarandí. Estava a sua hoste estendida, em formação linear: o flanco esquerdo obedecia ao brigadeiro Rivera, o centro ao coronel Pablo Zufriategui, a direita era commandada pelo coronel Manuel Oribe com os excellentes *dragões*; a reserva estava com o seu coronel Leonardo Olivera, e foi onde tomou logar o general Lavalleja. Tiham um canhão de calibre 4.

Erguera-se radiante o sol, num limpido céu de primavera; no topo da cochilha rutilavam as lanças e as espadas da cavallaria oriental, muí animada e esperançosa. O aspecto não era bizarro, não entretinha a vista a fantasia de variados uniformes militares a contrastarem com o verde intenso da radiante campina; pouca gente fardada realçava; a solda-

desca na maior parte em farroupa, o que concorria para tornar mais rude o ar desses homens agrestes, gadelhudos, cenhosos, sombrios os gestos, de tudo armados, até de laço e bolas, como se uma desconhecida deidade os tivesse fadado para serem os emissarios de uma impiedosa destruição da humanidade que não commungasse com as suas crenças.

Os brasileiros apressaram-se em despontar o ribeiro denominado Sarandí, quasi as nove da manhã; destarte removeram a difficuldade de terem semelhante obstaculo á retaguarda. Marchavam em columna de meios esquadrões, sem nenhuma reserva, nem outras quaesquer disposições elementares na arte da guerra (1).

O canhão fez alguns disparos contra os atacantes, que contestaram com uma cerrada descarga de mosquetaria, produzindo algumas baixas nas fileiras inimigas.

Como ellas, porem, permanecessem firmes, Bento Manuel ordenou que o clarim dêsse o sinal de carga, e a divisão brasileira investiu impetuosamente, como que tentando romper o centro inimigo. Mas eis que Lavalleja, julgando opportuno o momento, bradou:

— *Muchachos! carabina a la espalda y sable en mano!* Desdobrou-se, então a linha contraria, e, como uma descarga electrica, os seus flancos direito e esquerdo arremetteram com selvatica furia sobre os brasileiros, cuja ala direita não podendo resistir o embate da chusma, dispersou em escandalosa confusão. A frente brasileira ainda assim tentou resistir a crueza das espadas e lanças manejadas vigorosamente pelos robustissimos e medonhos gaúchos, no meio de insultuosa, provocante e enojosa algazarra, de vis improperios, de afrontosas e indecentes exclamações. Envolvidos e deshumanamente acutilados, os brasileiros cederam o passo com a maior fraqueza. Tremenda e sanguinaria manifestou-se a der-

(1)F . Osório, *Hist. do Gen. Osorio*, p. 147.

rota, annunciada pela desordenada e tumultuosa fuga (1).

Inebriu a tal ponto a victoria aos orientaes, que ninguem cuidou de organizar uma perseguição regular. Só se viam poucas guerrilhas, levando de tropel os fugitivos numa extensão de algumas duas leguas, e por essa dilatada linha da cochilla e encostas iam ficando cadaveres horrendamente mutilados, innumeros feridos em poças de sangue a ulularem de dôr, armas abandonadas, toda a sorte de petrechos bellicos e numerosa quantidade de cavallo.

Pretendeu refrear a sanha do vencedor o brioso major Joaquim Antonio de Alencastre, o unico official superior brasileiro que em tão ingrata e dura refrega se assinalou pelo extremado valor. Contrasta a sua galhardia com o panico diffundido nas fileiras dos demais camaradas de bandeira. Logrou o major Alencastre, no meio da apavorada fugida, deter e formar em torno de si um valoroso nucleo de 400 soldados e varios officiaes de linha, que resistiram encarniçadamente durante umas tres horas, e effectuaram decorosa retirada em ordem, quando os vencedores, caindo em si da ebrifestividade em que os deixara a victoria, repararam que a firmeza da heroica resistencia daquelle troço, poderia ser-lhes fatal. Agruparam-se em numerosa força, e cercando-o, apreenderam Alencastre, que reclamou para si e para os seus valorosos subordinados as garantias devidas aos prisioneiros de guerra (2).

Os chefes brasileiros Bento Manuel e Bento Gonçalves, montavam excellentes parselheiros (3), graças ao que não tardaram a alcançar o Gí, va-

(1) Ajusta-se ás aguerrilhadas hostes gaúchas, platinas ou rio-grandenses, o seguinte conceito do general boer Ch. de Wett: « Pouco habituados á disciplina, os Burghers, sabiam bater-se corajosamente quando queriam. Mas, em apoderando-se delles o panico, nada mais havia que os pudesse conter » *Trois Ans de Guerre*, p. 209.

(2) « Y gracias que por instincto, mas que por otra cosa, se pudo agrupar oportunamente sobre el nucleo de Alencaster, fuerzas respectables, salvando-se asi los vencedores de um peligro grave » D. A. Baldrich, *Hist. cit.* p. 131.

(3) O. Araujo, *Sarandí*, p. 46.

rando-o numa balsa, e feita a passagem, trataram de a inutilizar (1). Pouco depois reuniram-se-lhes os tenentes-coroneis Felipe Neri, Bonifacio Calderon e outros officiaes e praças, formando uma concentração de 580 homens, escapos não só ao ferro inimigo como até ao laço e ás bolas que victimaram copioso numero de fugitivos.

Bento Manuel na corrida foi ter á capella de Santanna do Livramento, e Bento Gonçalves ao Cerrieto de Jaguarão.

As perdas padecidas pelos brasileiros foram 200 mortos e muito maior numero de feridos. (2) Os revolucionarios tiveram entre mortos e feridos 134 baixas.

Sarandí foi um recontro tipico, genuinamente travado a maneira gaúcha: nenhuma observancia aos preceitos da tactica.

A noticia deste feito d'armas foi recebido em Buenos Aires com desusado alvoroço. Embandeiraram-se casas e edificios; o commercio suspendeu as suas operações em sinal de jubilo; á noute houve pomposa illuminação, musicatas e outras expansões de regosijo popular. Durante algumas noutes reproduziram-se as manifestações publicas; uma dellas, muitô numerosa e exaltada, assaltou a casa do representante brasileiro, e a amotinada populaça que a compunha prorompeu em altos clamores — *muera el emperador de los macacos! muera todos los portugueses! muera el consul!* E não havendo quem contivesse os tumultuosos manifestantes, arrancaram o escudo imperial, espezinharam-no e o levaram de rasto pela rua fóra. No dia seguinte, 21 de outubro, Falcão da Frota pediu os seus passaportes; negou-os porem o ministro Garcia, assegurando-lhe quetomaria medidas coercivas contra a reproducção dos exces-

(1) D. J. A. Baldrich, *Hist. cit.* p. 130. Encontramos finalmente nesse apreciado historiador, quem no Prata fallasse com exactidão e imparcialidade acerca das perdas soffridas pelo Brasil nessa vexatoria acção.

(2) Ib.

sos populares; entretanto, se com a mão direita o chanceller argentino redigia essas assegurações, com a esquerda mandava entregar por conta do Tesouro publico á casa Lezica, onde ficaria á disposição da junta revolucionaria, a quantia de 40.000 pesos em ouro.

Sabendo dessa intervenção, o consul brasileiro insistiu no seu pedido (24 de outubro), communicando ao seu governo que lhe motivara essa resolução extrema o grave facto de lhe ser impossivel a permanencia na capital argentina, quando a guerra já estava decretada pelo Congresso, havendo apenas uma só duvida, se deveria ser declarada officialmente ou feita sem a previa declaração.

O dia 25 de outubro foi memoravel nos fastos dessa época. Desusada agitação popular se fazia sentir desde cedo; á hora da sessão do Congresso, magotes de povo premindo-se em todas as dependencias e adjascencias do edificio reclamava estrepitosamente a declaração de guerra contra o Brasil.

Effectivamente Governo e Congresso cederam ante as exigencias da exaltação popular capitaneada por Dorrego e outros influentes personagens.

Reconheceu o Congresso a legalidade das resoluções da Assembléa da Florida, deu assento aos delegados orientaes e declarou «reconhecia a Provincia Oriental reincorporada de facto á Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata a que por direito sempre pertenceu e quer pertencer».

Dessa resolução, quiçá tomada de afogadilho, foi dado conhecimento ao governo do Rio de Janeiro em nota de 4 de novembro, concebida em termos ambiguos, sem conter a expressa declaração de guerra, pois que, depois de consignar que ficava o governo argentino obrigado a manter e a cumprir a decisão congressional *por todos os meios ao seu alcance e pelos mesmos trataria de acelerar a evacuação* dos dous unicos pontos militares ainda guardados por tropas do Imperio: o dito governo não deixava de estar disposto a uma solução pacifica; que de taes tendências pacificas daria novas provas quantas vezes

lhe permittisse a sua dignidade; que em todo o caso não atacaria senão para defender-se. Terminava dizendo que «unicamente da vontade do Imperador dependia o estabelecer uma paz demasiado preciosa para os interesses dos Estados vizinhos e até de todo o Continente.»

Esta estranha declaração de guerra, formulada contrariamente aos estilos e processos ensinados pelo direito internacional, não deixava margem a temporizações, sob pena de quebra de dignidade do governo de S. Cristovam.

A resposta não se fez esperar. Em 4 de dezembro baixou o decreto imperial declarando guerra ás Provincias Unidas do Rio da Prata; era referendado pelo ministro dos Extranjeros o visconde de Santo Amaro (1). Ou se não assentasse no trono americano um principe da orgulhosa casa de Bragança!

O mal succedido recontro de Sarandí arrastou, pois, o Brasil a uma odiosa guerra externa, de funestissimas consequencias ainda perduraveis para a cordialidade sul americana.

Quaes os culpados ?

## CAPULO VIII

Bento Manuel Ribeiro, nascido em S. Paulo, trazia no sangue das suas veias, aquelle germen de turbulencias e de arrogancias e de aventuras, muitas vezes tragicas, peculiares aos inclitos bandeirantes, onde entroncava a sua directa ascendencia. Dá a facilidade com que se amoldou desde logo ao caudilhismo gaúcho e guerrilheiro de Artigas, de Otorguês, de Berdun, de Lavalleja, de Rivera e de outros de menor figura.

Todas as suas entreprezas são gizadas na occasião. Prepotente, com acentuado pendor para a supremacia, o genio dominador, cheio de lances extraordinarios, impõe-se á massa inculta dos que são levados pela fatalidade ou pela ignorancia a commun-

(1) José Egidio Alvares de Almeida.

gar os mesmos principios que elle. Tem o animo varonil, o instincto guerreiro, porem não possui nenhuma qualidade inherente aos grandes capitães; só a da bravura. Tudo o mais é o ardil, a guerra feita de repentinos arrebatos, a surpresa, a mobilidade e até mesmo a profunda ignorancia peculiar aos generaes dos Pampas, sabendo entretanto manejar fluentemente as duas linguas, mas immensamente ciosos da linhas de separação fronteira. Quantas affinidades entre Bento Manuel e Rivera !... A mesma ousadia, as mesmas tendencias, a mesma versatilidade. Amigos hoje, inimigos amanhã, viveram até o desaparecimento no scenario da vida na alternativa de amizades e de inimizades (1).

(1) Permanece inedita ainda a parte official do combate do Sarandi, redigida pelo coronel Bento Manuel.

Encontrámo-la no Arquivo Publico do Rio Grande do Sul; transcrevemo-la em seguida.

« Illm<sup>o</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr<sup>o</sup>.—Desde que passei o Rio-negro me não tem sido possível participar a V. Ex. os desgraçados acontecimentos na Provincia Cisplatina, o que agora faço. Persuadido S. Ex. o Sr. Visconde da Laguna, que a força do inimigo não excedia a mil e seiscentos ou mil e oitocentos homens, e que o tenente-coronel Bento Gonçalves tinha ao seu mando quatrocentos homens, ordenou-me marchasse na noute a amanhecer o dia 1<sup>o</sup> do corrente com mil e cem homens a refazer-me de cavalhadas, com direcção ás Pontas dos Limares, reunir a mim a força do commando do mencionado tenente-coronel Bento Gonçalves, e marchasse a atacar o inimigo, o que tudo puz em pratica com a maior celeridade, apresentando-me no dia 12 do corrente sobre as forças inimigas na margem esquerda do arroio Sarandi, immediato ao Durazno, apezar que logo conheci que a força inimiga excedia as do meu mando, oitocentos ou mil homens; mas acostumado a vencer outros maiores numeros, e ambicioso de solemnizar aquelle dia com salvas e vivas a S. M. I. depois da derrota total dos rebeldes, metti em batalha e ataquei; a pouca disciplina da tropa, as muitas crianças que haviam, e a pouca constancia dos guaranis, deram logar a que o cobarde inimigo fosse vencedor, apezar que as tropas regulares romperam as linhas inimigas, e triumpharam delles, sendo ao depois cortadas por uma força consideravel tiveram que render as armas. Eu vim envolto entre espadas inimigas, mas milagrosamente pude salvar-me e reunir quatrocentos homens com que passei o Rio-negro no passo do Pe-

Lecór e Bento Manuel deviam estar edificados com o resultado da aventura. Quem ficou de peor partido foi o visconde de S. Leopoldo, completamente isolado no Rio Grande do Sul, abandonado pelas autoridades militares, sem tropas regulares, a fronteira desguarnecida e sem noticia alguma do governador das armas, o perfeito emulo de Bento Manuel. Consolá-lo-ia, talvez, uma hyperbolica carta escrita pelo proprio punho do coronel, que lha dirigiu no dia seguinte ao da data da enfatica parte official do combate (2). Grande alma que era a daquelle benemerito servidor do Rio-Grande; tinha

reiria, dalli fiz regressar para o Serrito o tenente-coronel Bento Gonçalves com as praças do Serro-largo e o Regimento de milicias do Rio-grande e algumas tropas que vieram de Montevideo, e com as mais regresssei-me a este ponto, tendo, logo que me foi possível, participado ao Exm. Sr. Visconde da Laguna e ao Exm. Sr. General Governador das Armas, e no entanto V. Ex. como unica autoridade na Provincia determine-me suas ordens. Deus Guarde a V. Ex. — Quartel na Capella de Nossa Senhora do Livramento, 22 de Outubro de 1825.—Illm<sup>o</sup>. e Exm<sup>o</sup>. Sr. José Feliciano Fernandes Pinheiro.—Bento Manuel Ribeiro, coronel graduado.

(2) «... os inimigos trabalham com empenho a introduzir sizanias de rebellião nesta provincia, o Exm<sup>o</sup>. Sr. General Governador das Armas o considero cortado, só pela barra do Rio Grande poderá vir com demora á Provincia; as fronteiras no estado mais debil possível, e tudo vejo em confusão de que o cobarde inimigo se póde aproveitar. Os conhecimentos praticos que tenho das duas provincias, da força actual dos rebeldes, a fidelidade e amizade ao' nosso adorado Imperador me anima a levar a presença de V. Exm<sup>a</sup>. as minhas reflexões para V. Ex. fazer subir a Augusta e Imperial pessoa de S. M. Vir de pronto o Exm<sup>o</sup>. Sr. General Curado tomar o mando geral das Armas nesta Provincia, pelo (não se entende a palavra seguinte) o Estado Maior dos corpos de primeira linha de cavallaria, 3<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> regimentos, e os batalhões de infantaria 7<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> para o Serrito nesta Provincia, reunir a estes corpos o regimento de milicias do Rio Grande e o de Porto Alegre, organizarem-se completamente e disciplinarem-se, e com um corpo de artilharia fará uma divisão que quatro mil homens capazes de defender a fronteira do Rio-grande, e destruir os rebeldes na Cisplatina; organizar outra divisão no passo do Rosario ou no de S. Diogo com os corpos de cavallaria miliciana do Rio Pardo, Missões e Entre-

bastante elevação de espirito, criterio e letras para dar a devida importancia aos conselhos e aos planos contidos na epistola; tambem tinha abundante indulgencia para perdoar a fatuidade do marechal Abreu. No meio da acefalia geral em que se achava a administração militar, de que era culpado o governador das armas, que a não devia ter abandonado para correr a aventuras na Cisplatina, onde não faltavam elevadas patentes e onde todos os cargos estavam providos, assumiu-a o integro visconde de S. Leopoldo, e nessa difficil emergencia houve-se com admiravel tino militar, pouco commum em paisanos e juristas. Sensato, intelligente, dominado pelo mais sincero respeito pelas convicções alheias, José Feliciano, o estadista liberal que honrava qualquer governo que o tivesse como collaborador, tinha, acima dos militares em acção no teatro da luta, a clara e exacta comprehensão dos acontecimentos, sendo só elle a organizar, quando todo o mundo só tratava de destruir. Elevando sempre a honra acima da vaidade, o patriotismo acima do interesse e a sinceridade acima do amor proprio, o venerando presidente da provincia do Rio Grande collocara-se numa posição de onde podia mandar que seria obedido.

Os chefes militares estavam desmoralizados.

Decretou logo um recrutamento geral, com o rigor exigido pela abertura, sem conculcar a justiça peculiar ao eminente varão, cujos sentimentos de fraternidade eram-lhe um culto.

«Neste transe, escreve José Feliciano, puxei á

Rios, o regimento de Santa Catharina, um corpo de artilharia; pôde-se organizar e disciplinar destes corpos dous mil homens para reppellir qualquer tentativa por esta parte e operar em tempo opportuno entre Rio Negro e Uruguai, guarneecendo com fieis infantarias Montevideò e Colonia... e eu pronto para derramar a ultima gota de sangue em execução ás ordens do adorado Imperador que nos rege». Capella do Livramento, 25 de outubro de 1825. (Assinado) Bento Manuel Ribeiro. Este documento acha-se no Arquivo Publico do Rio Grande do Sul entre os papeis do anno de 1825.

fronteira os ultimos restos de alguma tropa e armamento, mesmos os invalidos e reformados, e paisanos voluntarios em massa; queimavam-se os campos avançados da nossa raia para privar o inimigo de pastos com que alimentasse a sua cavallhada» (1).

Declarou nulla a delegação que o marechal Abreu havia feito, de suas funcções de governador das armas na pessoa do brigadeiro Sebastião Barreto enquanto permanecesse em campanha, visto que regularmente a substituição só poderia recair no marechal Bento Corrêa da Camara. Nenhuma noticia do marechal Abreu: em Porto Alegre sabia-se vagamente pelos fugitivos do Sarandí, que elle se vira forçado a fugir de Mercedes embarcado; de positivo, nada havia. José Feliciano assumindo a direcção dos negocios militares, confiou ao sobredito marechal Camara o commando da fronteira do Rio Grande, desde a cidade deste nome até Bagé, e ao brigadeiro Barreto o commando da linha comprehendida entre Bagé e a margem do rio Uruguai; (1) subordinados a estes dous commandos geraes, estabeleceu commandos parciaes e intermediarios (2).

O marechal Abreu, mero espectador em Mercedes, do tragico desenrolar das scenas fataes — Rincão e Sarandí, reduzira-se a mais amesquinhada situação que é dado imaginar. A sua autorizada espada perdera o prestigioso lugar de outras épocas. A facção de 24 de setembro privara-o do concurso de 600 homens; a de 12 de outubro desfalcara-o de 900. Só lhe restavam 300, insufficientissima cifra para com ella resistir e se contrapôr ao triunfo revolucionario; culminava a gravidade a circumstancia não menos respeitavel de achar-se a sua dizimada coôrte totalmente desprovida de remontas, porque Rivera as levantara do Rincão das Gallinhas. Correndo pois imminente risco de ser atacado pelo inimigo victorioso, tratou de fugir enquanto

(1) José Feliciano teve o cuidado de lhes recomendar «mui positivamente observassem entre si inteira harmonia e accordo em bem do serviço» *Memorias* cts.

era tempo. Abandonou precipitadamente a povoação de Mercedes, refugiou-se a bordo da divisão naval do commandante Jacinto Roque de Senna Pereira, com o resto da sua outrora famosa legião e se transportou até ao Salto, onde desembarcou. Dai, profundamente decepcionado e abatido com os revéses a que não estava acostumado, entristecido com as intrigas e as desatenções de varios chefes militares, que urdiam a sua ruina, o nobre guerreiro pela vez primeira sentiu os effeitos do descommo e como que enfraqueceu até mesmo de corpo. Doente, seguiu em direcção á fronteira rio-grandense e senhoreou-se de Belem, na linha do Arapeí, onde vieram apresentar-se-lhe muitos dos evadidos do Sarandi.

Encontrou, porem, a fronteira regularmente defendida conforme os recursos conseguidos pela solidude do integro José Feliciano.

Reassumi, então, Abreu o exercicio do seu cargo, estabelecendo o quartel-general em S. Gabriel em fins de novembro de 1825. Chamou o coronel Bentó Manuel e lhe confiou a missão de guardar com uma brigada de cavallaria, perfazendo 800 cavallos, o passo do rio Quaraim conhecido por *estancia do tenente Batista*. Na barra do Ibicui já se encontrava o coronel João José Palmeiro com o seu regimento *rito* de Entre Rios, a guardar a fronteira de Missões. Tendo topado em marcha o coronel José Joaquim da Silva, mandou-o postar-se nas pontas do Quaraim, no passo do Ricardo (1).

Abreu era destro, valente e impetuoso guerreiro, e de todos os cabos da epoca era o de mais idoneas qualidades para afrontar as legiões, insubmissas e valentissimas, dos caudilhos orientaes; mas

(1) Terminava o officio em que Abreu dava conta dessas medidas, ao presidente José Feliciano, com o seguinte periodo, altamente louvavel e significativo; « Beijo as mãos de V. Ex. pelo muito que se tem interessado na causa que defendemos, e em beneficio de toda esta provincia, que jamais teremos nós os habitantes della modo com que agradecer a V. Ex. tantos beneficios.»

imbelle genio organizador e ignaro estrategico. As suas famosas gentilezas praticadas em outras guerras, deveu-as principalmente a obediencia e a exactidão no cumprimento dos planos assentados pelo general Curado, ao que juntava a sua valentia pessoal.

Não era, porem, homem para mandar.

Tinha muito curta a mentalidade e deficientissimas letras. Rude e inculto, mas tratavel, serviçal, insinuante e bondoso, fazia-se estimar. Ignorante, intelligente e aureolado pela fama de afortunado lidador jamais vencido, exercia realmente fascinadora influencia sobre os campanhistas.

Conta-se, como amostra da sua escassês litteraria que, varias vezes, devendo assignar *barão* assignava *barão*.

Tambem referem que, sendo elle um verdadeiro gaúcho, cujos costumes seguia-os inalteravelmente, a sua exclusiva alimentação era a carne assada em espeto, a que chamam *churrasco*, nunca a tendo provado de outro modo preparada. Accrescentam que um dia os officiaes do seu estado maior quizeram surpreendê-lo ao jantar, offerecendo-lhe um bife. O marechal serviu-se do prato, porem commentou-o: — Não passa de um guisado largo feito com manteiga.

Tinha muitas superstições, assim é que o canto do gallo, afigurava-se-lhe como envolvendo misteriosos presentimentos, que ao seu acanhado e ingenuo espirito, e nimia credulidade, se revelavam como algo de sobrenatural, e lhe causava estranha satisfação. Sobre a tolda da carretilha das bagagens do exercito, ou proximo á sua barraca, conservava sempre um desses gallinaceos, « porque, justificava elle, este animalzinho é muito bom; conforme canta, advinha o futuro.»

O general Abreu celebrizara-se como galhardo e feliz na execução dos planos delineados por outros chefes durante as guerras contra Artigas. A sua columna, quasi na totalidade composta de indios missionenses, colhera na campanha de 1818 virentes

laureis; a briosa espada do general assegurara-lhe indisputada autoridade na fronteira, e sobretudo entre os chamados guaranis, cuja lingua manejava fluentemente. Na época, tudo levava a crêr fosse Abreu o maior fronteiro. Suas proezas bellicas haviam gerado a lenda de que «tinha a victoria atada aos tentos do seu lombilho». Filho do campo, de costumes os mais singelos e de uma coragem inexcedida, popularizou-se, ganhou fama, o seu nome impôs-se e cedo começou a reboar por todo o país, como o de um heróe invencivel. Foi desse modo que ascendeu rapidamente aos mais altos postos na hierarquia militar, ganhando condecorações e honras. Nos dias em que o marechal Abreu envergava o seu aparatoso e brilhante uniforme as familias guaranis o reverenciavam, recolhendo-se a uma contrição e silencio maiores do que aquelles que deveriam sugerir a representação funebre de um acto (1).

Deu elle causa a seguinte anedocta, que caracteriza a indole dos rio-grandenses.

O commendador José Rodrigues de Figueiredo Neves, intimo amigo do marechal Abreu, tinha um proximo parente, o desembargador Manuel Moreira de Figueiredo, pessoa do Paço, muito chegado ao Imperador.

Indo o commendador Figueiredo Neves ao Rio de Janeiro, foi recebido pelo Imperador, devido ao valimento do parente. Elogiando os feitos de Abreu e, enaltecendo-os, terminou por lembrar ao monarcha a concessão de um baronato áquelle marechal. O Imperador interrogou-o se Abreu era homem de porte marcial como o delle imperante, em que pudesse dignamente recair o titulo nobliarquico.

— Vossa Majestade, respondeu o interlocutor, é forte, mas Abreu é rio-grandense e, portanto, muito mais forte e garboso que Vossa Majestade.

No primeiro despacho ministerial, foi o digno soldado agraciado com o titulo de barão do Serro Largo.

As suas lustrosas e gloriosas facções não bastavam para o recommendar á elevação ao commando

geral do exercito do sul. Triunfos parciaes, embora frequentes, obtidos contra multidões armadas e por coórtes cavallarianas, ligeiras e aguerrilhadas, mas sem a educação adquirida nos principios essenciaes aos exercitos regulares, alheias á arte da guerra, as quaes se cégamente seguiam, cheias de denodo, o Centauro gaúcho, eram antes levadas pela fé no fronteiro insigne que por dever militar: não afiançavam a competencia do general em chefe, quando fosse obrigado a afrontar forças disciplinadas e instruidas sob a escola do rigor militar. Abreu, como Bento Manuel, ardegos e infatigaveis ginetes, eram insubstituiveis e preciosissimos auxiliares de um commandante em chefe, como Joaquim Xavier Curado; mas por si, sós, incapazes de dirigir um exercito.

Podia considerar-se extincta a brilhante trajetoria militar de Abreu. E' agora figura que passa para o segundo plano.



## CAPITULO IX

Tentaram ainda os orientaes, triunfantes e prestigiados, captar a adesão dos rio-grandenses, ou ao menos, não conseguida a adesão, a tacita aquiescencia, a simpatia e a neutralidade. Assim é que Rivera endereçou longas e evocativas epistolas as chefes brasileiros Abreu, Sebastião Barreto, Bento Gonçalves e ao proprio presidente José Feliciano, o que deu logar a que este chegasse a desconfiar da lealdade de Bento Gonçalves (1).

As operações militares durante o resto do anno de 1825 foram insignificantes. Varrida a campanha oriental de tudo quanto era força brasileira, ficou o país entregue ao dominio pleno de Lavalleja.

Em vão pretendeu o chefe da flotilha do Uruguai, Senna Pereira, desafrontar os desairosos successos padecidos em terra, procurando repulsar a occupação da praça de Paisandú, senhoreada pelo coronel Julian Laguna. Tencionava o almirante brasileiro bombardeá-la, havendo já a divisão naval assumido posição ameaçadora, quando em 4 de novembro o sombrio Lavalleja lhe dirigiu uma nota decisiva, fazendo-o saber que a cada tiro disparado contra a terra, elle faria degolar 50 prisioneiros dos mil e tantos que refinha em seu poder.

Dada e conhecida a sanguinosa ira peculiar ao caudilhismo, bem avisado andou Senna Pereira em ter desistido daquelle intento, realmente inutil e que faria soffrer injustamente uma população innocente.

Terminava assim a primeira parte do opprobrioso drama conhecido no sul do Brasil por *guerra*

(1) Machado de Oliveira, *A celebração da Paixão de Christo entre os guaranis* (Rev. do Inst. Hist. v. 4º.)

(1) Arquivo Publico do Rio Grande do Sul, papeis de 1825; e Correspondencia dos Presidentes da Provincia, livro de 1826.

*dos patrias*, em razão da crepitante chamma patriótica que punha os orientaes nessa intensissima agitação. Em tal jornada, assim ingrata e vexatoria, levada a effeito contra a vontade, os desejos e os sentimentos da população brasileira, e que já mereceu de um historiador patrio o epiteto de *guerra liberticida*, muitas das melhores espadas brasileiras, apontadas contra o peito daquelles rusticos gaúchos, embainharam-se envergonhadas. Primeira a declarar-se entre as muitas bancarrotas de reputadas patentes militares, foi a do tenente-general Lecór, autoridade primacial, e que empunhava o bastão do mando supremo.

Carlos Frederico Lecór, visconde da Laguna, era um desses homens a que se ajusta rigorosamente o conceito de Macaulay: «posto que não fosse despido das seduções da vaidade, comtudo tinha alma muito superior ás influencias da ambição ou do medo». Embora de uma honestidade intransigente, ainda assim a calunnia o mareou, e só após o fallecimento, é que se verificou quão honrada era a sua pobreza e quão infames foram muitas das empenhadas suspeitas que recaíram sobre si.

Desde as primeiras alterações ocorridas na provincia Cisplatina, a opinião publica, incitada pelas paixões pessoases, se pronunciou abertamente contra o general Lecór: imputou-se-lhe, pela sua contemporizante e protelatoria conducta em face dos graves acontecimentos, a responsabilidade quer dos progressos alcançados pela sublevação, quer dos reveses soffridos pelas armas imperiaes.

Entretanto, esse velho guerreiro português, encanecido nas campanhas napoleonicas, onde militou com invejavel distincção, era das mais simpaticas figuras do primeiro Imperio.

Mão grado a sua marcial varonia, de que dera abundantes provas, entendia agora, quando gravissima era a conturbação, que só uma politica insinuante e condescendente poderia desvanecer os orientaes das suas pretensões libertadoras, e reconheceu que a provincia não podia ser governada

como terra conquistada. Semelhante criterio apparecia tardiamente. Isso, que aliás deveria ter sido observado outróra, na actualidade nennum cabimento comportava. Era preciso agora agir — na guerra como na guerra.

O visconde da Laguna era o illustre e denodado militar, que na guerra peninsular se tinha notabilizado, entre outras brilhantes facções, pela destruição da ponte sobre o rio Zézere, o que retardou dois dias a entrada do exercito francês de Junot em Lisboa, dando tempo desse modo a que d. João VI se evadisse com segurança, e se livrasse de ser apreendido (1). Não podia ter sido cumprida com maior brio a ordem dada pelo marquês de Alorna, de descobrir os francêses *até no inferno se fosse preciso*. Discordando completamente da orientação depois seguida pelos seus superiores hierarquicos, aliás por seu turno abandonados pelo soberano, que antes de fugir recommendava ao povo *recebesse os francêses como amigos*, Lecór não quis sujeitar-se a servir sob as aguias de Napoleão, e se refugiou na Inglaterra, onde foi braço forte na reacção contra as usurpações francêsas tendentes a anexar Portugal a França. Durante as campanhas na Peninsula Iberica, commandou brigada e divisão ao lado dos intrepidos generaes inglêses Picton, Hill, Spenser, Campbell e Hamilton, e obteve assignalados triunfos em Nive e na Victoria.

Marechal de campo ao terminar a guerra, commandou o exercito português, muito numeroso e aguerrido, no regresso á patria. Coberto de distincções, perfeitamente educado na dura escola de Wellington e Beresford, o prestigio militar de Lecór, collidido em sangnentas controversias sustentadas contra os mais bravos e illustres cabos do tempo — Soult, Ney, Massena... elevava-o com fulgor acima dos demais camaradas. Lecór, pela illustração e conceito, era o primeiro general português da época.

Pouco descansou, porque em 1815 teve ordem

(1) Rio Branco, *Ephemerides*.

de, com a divisão dos *Voluntarios d' El-Rey*, composta de 5000 homens, partir á America do Sul, a senhorear a praça de Montevideó.

Proclamada a Independencia do Brasil, Lecór declarou-se brasileiro, solicita e lealmente, sustentando com veemente ardor a causa da nova patria, no que não foi acompanhado pelo seu ajudante — general d. Alvaro da Costa de Sousa de Macedo, que, persistindo no *lealismo* português, amotinou a maioria da guarnição e ergueu o pavilhão lusitano. Foi necessaria immensa energia de Lecór, para, organizando uma contra revolução preparada com forças levantadas no interior da provincia e capitaneadas pelos exaltados nacionaes Sebastião Barreto, Abreu e Marques de Sousa, assediar a capital uruguaia e constringer d. Alvaro a uma condicional rendição.

Lecór é portanto um dos patriarcas da Independencia; verdadeiro benemerito sem cujo concurso a conflagração em todo o Brasil teria assumido proporções impossiveis de prevêr até que ponto chegariam. Sabido, geralmente, que as Côrtes de Lisboa, pretendiam suffocar o brado de Independencia, ordenando que a divisão de Montevideó, em marcha convergente sobre o Rio de Janeiro impusesse pela força d'armas a revogação do acto declaratorio da Liberdade, a resoluta attitude assumida pelo general Lecór foi peremptoria e decidiu o exito da causa do Brasil.

Era um velho de mais de sessenta annos; tinha a nobre e altiva envergadura de um verdadeiro e venerando guerreiro. A sua cabeça, bella e sempre erguida, cingia-a uma aureola de cans que lhe dava o aspecto de uma coroa de prata (1). Intellectualidade culta, era talvez o general do Brasil mais illustrado do seu tempo. Energico, bravo e experimentado, com brilhante apparencia, inquebrantada estatura marcial, e correccção de maneiras, nada

(1) A. A. von Sewelloh. *Reminiscencias* (Rev. do Inst. Hist. vol. 37).

lhe faltava para ser o heróe do dia, tendo logrado captar geraes sympathias não só do exercito, que o venerava, como da boa sociedade montevideana que o afagava, e o Rio Grande depositava nelle illimitada confiança.

Assim pois, com aquelle solido conhecimento professional, que a intelligencia aliada á longa experiencia collimam num general distincto, elle sabia prover de tudo os seus soldados, que por sua vez retribuiam ao chefe o seu desvelo com copiosa dedicação e confiança.

A prolongada estada em Montevidéo, foi-lhe fatal, — para elle e para o governo a quem tanto amava.

Ou porque a idade fosse operando rapidamente a sua obra destruidora, ou porque lhe faltassem qualidades para desenvolver a acção num meio desconhecido para elle, e profundamente diverso do em que militara toda a vida, o certo é que o discipulo querido de Wellington não soube ou não pôde corresponder a esperança da sua patria adoptiva.

A campanha á mercê do antagonista; o governo do Rio vagarosamente atendia ás reiteradas solicitações do seu legado. O Imperio, colhido de surpresa, lutava désesperadamente para conseguir o preenchimento das innumeradas vacaturas existentes no exercito, em grande parte empenhado em ardua missão nas remotas provincias do norte, recém pacificadas. O feroz recrutamento praticado em algumas dellas, não deu o resultado compensador de tamanho vexame; por um lado as doenças dizimavam as levas de recrutas, por outro lado, a violencia e a deshumanidade com que se executava a odienta operação, punha todo o mundo de sobre aviso, occultando-se a juventude em suas casas. Mesmo nenhum entusiasmo havia pela guerra actual; no Brasil encarava-se-a com frieza.

A todas estas contrariedades juntava-se o já ter entrado com mau presagio o anno de 1826; succediam-se novos acontecimentos não menos alarmantes que os do anno anterior, e o grosso do exercito continuava na

esteril occupação de Montevidéo, aguardando a chegada de reforços, sempre insufficientes.

Consummia-se o general na contemplação da prodigiosa obra iniciada pela resoluta intrepidez dos legendarios *trinta e quatro*; mas receiava abandonar as posições, e não queria dividir as suas forças. Essa procrastinante tolerancia, valeu-lhe no Brasil o cognome de *Fabius Secundus* (1). Os seus officiaes, mórmente os moços, regalavam-se com os atractivos de Montevidéo, incontestavelmente superiores e preferiveis ao rude azar da campanha.

Com a habilidade e profunda penetração peculiar aos escritores inglêses, o bem informado historiografo do nosso primeiro Imperio, observa o seguinte: A jovialidade dos americanos espanhóes, e particularmente das mulheres, que contrasta com a monotona gravidade dos portuguezes e dos seus descendentes brasileiros, atráe a atenção dos viajantes. No Brasil ha mui poucas relações sociaes, ainda mesmo entre amigos intimos. As mulheres são retidas em reclusão quasi claustral, e tomam mui pequena parte na conversação da sociedade. Em Montevidéo e Buenos-Aires pelo contrario, todas as noites são dedicadas ao teatro, ao baile ou tertulia, ou á partida: nem a guerra, nem a revolução, nem a fome pôde mudar a inclinação nacional a este respeito: daqui nasce a superior atracção das senhoras espanholas. As suas maneiras são encantadoras, e ainda que imperfeitamente educadas, a sua conversação é cheia de espirito e variedade. Não ha portanto que admirar que este contraste tanto preponderasse sobre os officiaes brasileiros: acharam nas senhoras espanholas muitos atractivos, e mais accessivel sociabilidade do que jamais haviam experimentado nas suas patricias, de modo que muitos casamentos se effectuaram, mesmo na expectativa de proximamente entrarem em campanha» (2).

O proprio visconde da Laguna tinha a primasia nesse concerto amoroso onde a influencia da mulher

(1) Armitage, *Hist.* cit. pag. 164.

(2) *Armitage, op. cit.* pag. 164.

fez os brasileiros mostrarem-se extraordinariamente humanos. Elle, sexagenario, casou com uma gentil montevideana de dezoito annos de idade.

Esta doce e cordial resolução do velho soldado, haveria de causar-lhe cruéis amarguras. As noticias dos desastres do Rincão e Sarandí fizeram aumentar no Rio de Janeiro as desconfianças que desde muito pairavam sobre a lealdade de Lecór.

Suspeitaram-no de traição, e espalhou-se que, pelas relações de familia da sua juvenil esposa, tinha o inimigo sufficiente sciencia de todas as medidas e planos de guerra (1).

Foi demittido do posto de capitão-general.

No dia 2 de fevereiro de 1826, Lecór entregou o commando geral ao seu substituto, o general Magessi. Foi um acto solemne, formou toda a guarnição em parada defronte a Catedral, e o Cabildo, segundo tradicional usança, compareceu vestido de preto, com as suas grandes e vistosas bandas encarnadas. Lecór suportou a afrontosa perda do elevado cargo com a resignação propria das grandes almas de soldado afeito a obediencia. Só mais tarde é que se justificou perante o governo do seu país, a quem

(1) Esta versão, para honra da memoria de Lecór, encontrámo-la apenas numa memoria, e estrangeira, *Beiträge zur Geschichte des Krieges*, já citada, (p. 187). Registramo-la, porque sendo, como é notorio, extraordinario o silencio feito em torno dos homens e dos factos dessa guerra, pôde quiçá não ser destituída de fundamento. O consorcio desse memoravel cabo de guerra, realizou-se antes do anno de 1826. Lê-se, com referencia ao mesmo, o seguinte, num documento inedito: «Não foi unicamente a seducção o expediente que o astuto Lecór empregou para conseguir o seu objectivo; pôs em pratica outro que lhe pareceu mais poderoso; tal foi o fomentar e o estimular os seus officiaes a que casassem nas principaes familias da terra, concedendo premios aos que assim procedessem; e para dar o impulso elle mesmo deu o exemplo, aos 70 annos de idade, enlaçando-se a uma joven de 18. Se este matrimonio obedeceu ao movel politico, só se justifica ante a fraqueza cerebral daquelle general ancião; que estenuado pelas largas campanhas, devia renunciar uma vida que em sua juventude resistira sempre. Portanto, estes como os outros meios adoptados, são violentos e não pôdem dar o resultado que se deseja...» Cit. mss. *Golpe de vista*

remetteu grande copia de peças justificativas (1).

*sobre la guerra* etc. Não pensaria assim o energico panfle-tario se houvesse raciocinado com Fred. Masson no seu estudo NAPOLEON ET LES FEMMES: *l'humain est de subir la femme, c'est de croire en la femme, c'est d'aimer la femme, c'est d'é-proover par la femme, et pour la femme toute la série des sensations et des sentiments que la femme peut inspirer.*

(1) Lecór nasceu em Faro do anno de 1764; destinado muito cedo ao commercio, morou algum tempo na Hollanda de onde passou á Inglaterra. Voltando á patria, assentou praça num regimento de artilharia. Como subalerno serviu na guarnição da Baía, regressando depois á Europa.

Falleceu no Rio de Janeiro em agosto de 1836.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

## Indice do 1.º volume

### CAPITULO I

Esboço da situação politica e social do Imperio na época em que se declarou a revolução oriental. — Caracteres atavicos observados na casa ducal e real de Bragança. — O Imperador D. Pedro I, pag. 1—8.

### CAPITULO II

A antiga Banda Oriental do Uruguai — Usos e costumes dos seus habitantes. — A dominação portugêsa. — Rivalidade de raças. — Erros da politica brasileira seguida na Cisplatina. Pag. 9—16.

### CAPITULO III

Descontentamento dos orientaes. — Pretensões da Republica Argentina. — Missão Gomes. — Previsões dos estadistas Garcia e Rivadavia — Progresso das idéas separatistas. — Inercia do general Lecór. Pag. 17—26.

### CAPITULO IV

A sublevação. — Invasão de Lavalleja com 33 companheiros. — Defecção do brigadeiro Fructuoso Rivera. — Caracter de Rivera — Tardias medidas tomadas por Lecór. Pag. 27—36.

### CAPITULO V

Acção do presidente do Rio Grande do Sul. — Procedimento do governador das armas. — Esforços do ministro Garcia em favor da manutenção da neutralidade argentina. — Demonstração naval brasileira

em aguas de Buenos Aires. — Mallogro da demonstração naval. Pag. 37—45.

### CAPITULO VI

Progressos da revolução. — Pequenos triunfos parciaes alcançados pelos brasileiros. — Acção do Aguila. — Planos de Lecór. — As guarnições brasileiras de Montevideo e da Colonia. — Reforços enviados pelo governo do Rio. Pag. 46—54.

### CAPITULO VII

Incursão de Rivera contra o Rincão das Gallinhas — Desbarato de dous regimentos brasileiros — A verdade historica — Preliminares do combate de Sarandí — Nova derrota dos brasileiros: Sarandí. — Digna resistencia de Joaquim de Lencastre. — Declaração da guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Prata. Pag. 55—69.

### CAPITULO VIII

O coronel Bento Manuel Ribeiro. — Sua parte official do combate do Sarandí. — Sua opinião sobre a guerra. — Fecunda acção do visconde de S. Leopoldo. — Precaria situação do marechal Abreu. — O marechal José dos Santos Abreu. Pag. 69—77.

### CAPITULO IX

Filauca dos chefes revolucionarios. — O tenente general visconde da Laguna (Lecór). — A sociedade platina e a sociedade brasileira. — Demissão de Lecór. Pag. 78—83.